

Sala:

Gab. *R*

Est. *4*

Tab. *13*

N.º *13*

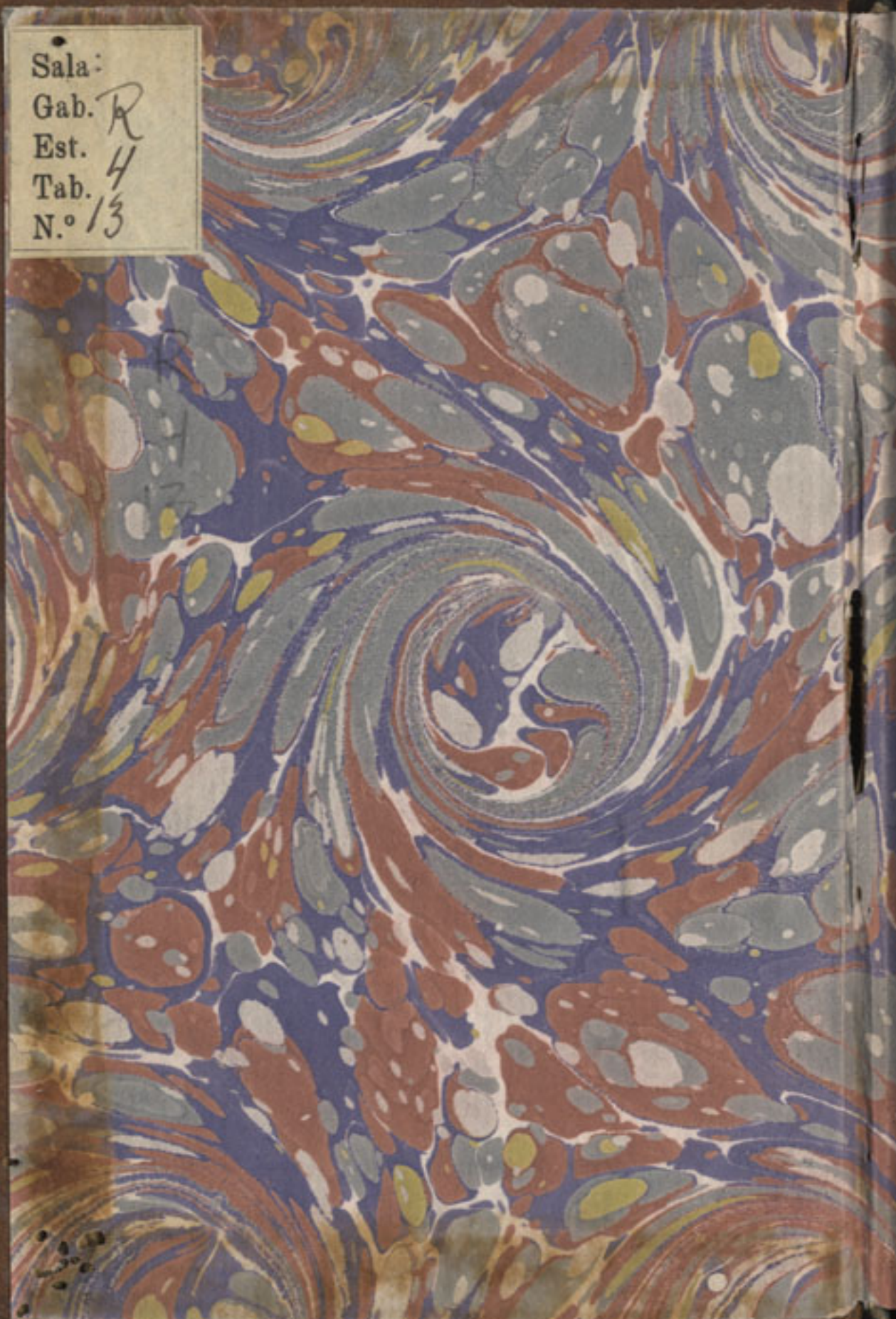


IMAGEM DA VIDA

1^a (A)-45²CHRISTAM (A)-45-2

Ordenada per dialogos como
membros de sua
composição.

O primeiro he da verdadeira philosophia

O segundo da Religião.

O terceiro da Iustica.

O quarto da Tribulação.

O quinto da vida solitaria.

O sexto da lembrança da Morte.

Compostos per F. Heçtor Pinto
frade Jeronymo. E per elle acrese-
tados nesta segunda impressam.

Impressos em Coimbra per Ioão Barceita
à custa de Antonio Coruete mercador
de liuros. Anno de 1565.

Com priuilegio del Rey.



IMAGEM
DA VIDA
CHRISTAM

Ordenada per dialogos com
membros de sua
composiçõ.

- o primeiro he da verdadeira vida
- o segundo da Religiao
- o terceiro da Justica
- o quarto da Indulgencia
- o quinto da viciajencia
- o sexto da temeraria da morte

Composto per R. Hector Pinto
pseudonymo e per elle escrito
tudo neste seu tempo

Impressos em Coimbra per Joao Barboza
a custa de Antonio Couceiro meador
de Junho Anno de 1762.
Com privilegio do Rey.

Del Rey faço saber
aos que este aluaravirem, q̃
auêdo respeyto ao q̃ na pe-
tição a tras escripta. Diz F.
Hector Pinto, frade da ordem de S. Iero-
nymo. Ey por bé, & me praz que pessoa
algũa de qualquer qualidade que seja, não
possa imprimir, né mandar imprimir em
meus reinos & senhorios, né fora delles, o
liuro chamado *Imagẽ da vida Christã.*
que diz que fez, & mandou imprimir:
da maneyra q̃ na dita petiçã declara né
o possa trazer de fora dos ditos reynos & se-
nhorios, né vender nelles sem sua licença
& cõsentimento, & isto por tempo de seis
annos somente, que começarão da feytu-
ra deste, sob pena de cincoenta cruzados, a
metade pera os catiuos, & a outra metade

pera quem os accusar, & de perder pera o
dito frey Hector todos os liuros que assi
imprimir ou mandar imprimir, ou trou-
xer de fora, ou vender em meus reynos &
senhorios. E mando a todas minhas ju-
sticias, officiaes & pessoas a que o conheci-
mento disto pertencer, que cumprão, &
guardem & fação inteiramente cumprir
& guardar este aluara como se nelle con-
tem. O qual ey por bem que valha & te-
nha força & vigor, omo se for carta feyta
em meu nome per mĩ assinada, & passa-
da per minha chancelaria: posto que este
não seja passado pola dita chancelaria, sem
embargo das ordenações do segũdo liuro
q̃o cõtrayro despõe. Ioão de Seixas o fez.
Em Lisboa, aos vj. de Nouẽbro de 1564.

O. Cardeal Iffante.

PROLOGO

do author, dirigido ao illustris-
simo & muyto excellente se-
nhor Dom Theodosio,
duque de Bragança.

& c.



Oião os antigos imagi-
narios, quãdo acabauão
de fazer suas estatuas, a-
tes que de todo laissena
com ellas a luz, & as des-
sem por acabadas, exa-
minalas curiosamente: & se lhe achauão
tal viueza, proporção, & perspectiua, que
nem seu artificio tiuesse mais que pintar,
nem seu desejo mais que pedir, punhanas
em lugares, em q̄ todas as podessem ver
miudamente, & cõtemplar a perfeycão
de suas feyções. Mas se em algũa dellas

achauão taes erros & defeitos, que logo se
conhecessem, dos q̄ a olhassem de perto
punhana nũa alta & fermosa coluna, pa
que os que de longe a vissem, lhos nao
enxergassem, âtes a tiuessem por perfeyta
sõmente pola perfeçãõ da coluna. Assi
eu depoyes que tiue feyta esta obra como
statua & imagem da viuã Christam, re-
partida em dialogos como em membros
d'hũa figura, vilhe tantas imperfeyções,
que senti que me compria, buscarlhe hũa
coluna muy alta & excellente, a que a de-
dicasse, E lançando a hũa & a outra par-
te os olhos do entendimento, não achey
outra mais illustre que vossa senhoria, a
quem a deuesse intitular & dirigir, pera q̄
sômête cõ isto os q̄ a vissem, a estimassem.
Mas p̄ outra parte vendo q̄ não cõuinha
apparecer ante tão excellente principe
senam obras de primor, & grande lustro,
& de tanto preço, que o não tiuessem,
pondo os olhos na bayxeza desta minha
feyta, não per aquelles insinhes artifices

Phidias

Phidias & Policleto, q̃ antre os antigos
pretenderam abalifar se na arte de archi-
tectura, mas per hum mal destro & pouco
pohdo imaginario, & laurada pela fraca
mão de meu bayxo ingenho, estiuue per
vezes cuidando o que faria. E depoy de
baralhado em diuersos pensamētos, con-
firando a humanidade de vossa senhoria
& a fama de sua grande virtude, igoal &
corespondente ao real tronco dō de pro-
cede, teue esta confiração tãta força, que
ma deu pera conuertet meu temor em
ousadia, forjãdo a na fragoa do desejo de
o seruir. Aqui cabia bem tomar eu nas
mãos louuores de vossa illustrissima S.
poy hai câpo larguissimo, pa me per elle
poder nelles esprayar, mas eu não o farey,
porque sey, quanto mays elle quer me-
recelos, que ouuilos: couisa natural d'altos
animos, ter a honra em muyto, & o pre-
gão della em pouco. Sómente tocarey,
põtque não posso deyxar de o fazer, a ju-
sticia & paz, em que vossa senhoria tem

suas terras, que he em tão alto grao de
perfeção, & passa tanto além das balizas
de meu ingenho, que não podião deyxar
de ficar baixos quaesquer lououres, q̄ lhe
eu nisto quisesse dar. Poys a grande affey-
ção & inclinação, que tem ás letras, & a
vontadecõ que as fauorece, & deseja de
aumentar, quem ahi que o não veja mais
claro com seus olhos, do que o eu posso di-
zer com minhas palauras, poys está cõsti-
tuindo a sua Villa Viçosa em vniuersal
academia, & fazêdo della outra Athenas
onde concorrão de muytas partes deste
reyno, asicomo a Athenas concorrião
douttras partes de Grecia, como a feyra
frãca de todas as boas artes & doutrinas.
Este he hũ grande louuor de V. S. hũ ma-
rauilhoso resplendor de seu nome, q̄ nũ-
ca será escurecido com treuas de esqueci-
mẽto, & hũ gloria, que ainda depõys de
sua morte terá vida, em quanto a tiuer a
memoria dos mortaes. Quãto mays que
ainda que á virtude faltasse o louuor hu-
mano

mano, não ahi mór theatro q̃ a consciencia, & além do eterno premio, q̃ lhe no ceo está reseruado, por ser feyta por amor de Christo nosso verdadeyro Deos, ainda nesta vida traz ella consigo gloria & iuaue cõtentamento. Isto he o q̃ dizia aquelle diuino Paulo vaso de eleyção, na segūda aos Corinthios: Esta he a nossa gloria o testemunho de nossa consciencia. Donde veo a dizer S. Ambrosio, que assi como o maio he pena de si, assi o bom he gloria de si mesmo: porque assi como os peccados sam ratos de polé, & como diz nosso padre S. Ieronymo, quãtos sam os vicios, tantos sam os tormētos d' alma, assi as virtudes sam gostos do espirito, & quãtas ellas sam, tantos sam elles. Mas como a virtude lance de si hũ singular resplãdor, não pode deyxar de ser louuada. E caso que os enuejosos a queirão apagar, todauia não podẽ effectuar seu desejo, ãtes ficão semelhãtes ás infelices berboletas, q̃ querẽdo apagar o claro lume da candeia, ellas mes

2. Cori. 1.

Ambros.

Hieron.

Compa.

ração.

mas se queymão, & ficando a vela accesa
com sua claridade, pagão ellas com sua
morte a temeridade de sua vida, sem a
poderem tirar á clara luz. Esta claridade
resplandece em V. S. em estimar summa-
mente a sciencia, & a paz, ea impossivel
he fauorecer hũa desfauorecendo a ou-
tra. E por isso não he de espantar ser. V. S.
amigo das letras, poylo he do alioflego
do reyno, que onde elle reyna,ahi tem
ellas seu assento. E esta he a causa dauer
agora tantos & tão excellentes letrados
nesta terra, darhe Deos principes que os
fauorecessem, & amassem a paz. Assim como
quando as ondas dos grandes rios vão te-
sas & furiosas, se recolhem os peyxes a al-
gũ remanso, & quando os ventos sam af-
peros & tempestuosos, fogẽ as aues pera o
abrigado, assi andando reuelto o mundo
em guerras & tumultos, fugirão as artes
& boas letras de suas brauas ondas &
crucys tempestades, & vierão se todas re-
colher no quieto remanso, & pacifico

Compa-
ração.

abri

abrigo deste reyno, onde vindo ellas cã-
ladas, & como mortas, cobrarão alento
& receberão sangue & vida, & forão hon-
radas, & fauorecidas, & collocadas no cu-
me de sua dignidade. E ainda que a paz
não tiuera outro bem, senão ser couro &
habitação das musas, este era assaz: quan-
to mays que he ella hũa cisterna de todas
as virtudes, & faltando ella todas faltão,
& a terra que carecer della, onde em lu-
gar d'amor & concordia reinar odio & dis-
sensam, não poderá permanecer. Que-
rendo o Propheta Esaias declarar, que os *Esai. 19.*
Assyrios êtrarião no Egypto, & o destrui-
rião, & regarião seus campos com o san-
gue da barbara gente, dá por certo final
da destruyção dos Egypcios, que ante el-
les mesmos se perderia a paz, & se alleuã-
raria guerra, & o amor se conuerteria em
desamor. E Oseas diz: Poys seu coração
he diuiso, agora perecerão. Isto he o que *Ose. 10.*
diz Chão nosso Redemptor no Euãgelho:
Todo o reino em si diuiso será destruido *Luc. 11.*

Ioan. 13.

& desolado. E per S. Ioão diz, q̄ nisto fere-
mos conhecidos por seus discipulos, se
nos amarmos hūs aos outros. He tão ex-
cellente cousa o amor & concordia, q̄ acé
os gentios allumiados não mays q̄ com o

Empe-
docles.

lume natural o entenderão. Empedocles
Agrigétino insinhe philosopho, discipu-
lo q̄ foy do grande Pythagoras, diz que o
mūdo cōsta da amor & de paz, porque pe-
ra se gerar qualquer cousa natural hão de
concorrer todos os quatro elementos, &
unirse em concordia. Isto quis significar o

Orpheo

antiguo Orpheo, quando disse, q̄ o amor
tinha as chaves de todas as cousas, com
as quaes lhe abria seus nascimentos pera
fayrem a luz. Hora se isto tãta força tem
nas cousas naturaes, q̄ fará nas moraes?

Platão.

Por isso diz Platão no v. da republica, q̄
não ha nella cousa mays pernicioasa que
a discordia, nem mays vtil que a paz. E
por esta razão tem V. S. muyta em a cō-
seruar, como vemos que faz. A quem
deuo logo de offerecer minhas obras, que

Sam

7
20
sam trabalhos d'estudos, & fructo da doce paz, senão a V.S. que he o fauorecedor delles, & conseruador della? Tudo o que digo nesta obra, vay corroborado com authoridades das diuinas letras, & de muy approuados & excellêtes authores. Porque assicomo quem quer prantar hũ nouo jardim, busca garfos & enxertos de boas aruores, assi eu busquey authoridades de graues & famosos authores, pera prantar neste liuro, diuiso em dialogos a maneyra dos de Platão. O que peço a V.S. he que os aja por seus, & que com sua costumada benignidade os recolha sob seu emparo, pera que possam apparecer, & andar seguros pelo mundo com o nome & fauor de V.S. a quem nosso Senhor traga em sua especial goarda, & acabe em seu sancto seruiço.

Amen.

Os

Os authores que se allegão nesta obra,

*são os seguintes, a fora as authoridades da
sagrada escriptura, que a cada passo
vão explicadas.*

- | | |
|------------------------|---------------------------------|
| S. A vgustinho. | Bartolo. |
| S. Ambrosio. | Balthasar Castellão. |
| S. Athanasio. | Bartol. a Challengo. |
| S. Antonino. | S. C ypriano. |
| S. Anselmo. | S. Cyrillo. |
| Alberto magno | S. Chrysofomo. |
| Antiocho. | Chrytologo. |
| Archiloco chronogra. | Cassiodoro. |
| Archiloco poëta. (pho | Chryssippo. |
| Aristoteles. | Cornelio Tacito. |
| Alexandre Aphrodiseu. | Columella. |
| Aulo Gellio. | Calimacho. |
| Apolonio Tyrio. | Celio. |
| Alcidano. | Cambino Florentino. |
| Amiano Marcellino. | S. D ionysio Areopagita. |
| Annio Viterbenle. | Demosthenes. |
| Alciato. | Diodoro Siculo. |
| S. E Afilio. | Dião Cassio. |
| S. Bernardo. | Diogenes Laërcio. |
| Beda. | E usebio. |
| Beroso Chaldeu. | Eratosthenes. |
| Baptista Egnacio. | Euripides |

Ennio

DIALOGO DA

*verdadeyra philosophia, inter-
locutores hũ Philosopho, hũ seu com-
panheyro, & hũ ermitão.*

CAPITVLO. I.

¶ *Da excellencia da vista sobre os
outros sentidos, & do desco-
brimento da verdade.*



NDO praticando pe-
los cẽseyraes de Coim-
bra, ao longo do Mõ-
dego dous amigos, que
sairão da cidade, hum
delles dado muyto ao
estudo da humanidade, que presumia
excessiuamente de discreto & grande
philosopho, & queria antes parecelo,
que selo, da condição dos que escolhé
antes latão lustroso, que prata sem lu-
stro, outro menos humanista, mas mais
humano, encõtrarão com hũ ermitão,
A homẽ

DA VERDADEIRA PHILO.

homẽ religioso & letrado, de q̃ tinham conhecimento doutro tempo, em que todos naquella vniuersidade estudarão & conuersarão. E depois de laudados, & passarẽ antresẽ algũas amorosas palavras, perguntou o Philosopho ao ermitão como estaua, & q̃ annos tinha de idade, porq̃ lhe parecia mays velho do que elle cuidaua que era. Eu, respõdo o ermitão, não estou nẽ tenho nẽ hũ soo anno de idade, & o mesmo podem com verdade dizer de si todos os homẽs. Noua opinião, disse o philosopho, he essa. Antes tornou o ermitão, nam he noua, nem opinião, se não antiga & manifesta verdade. Que se fora noua, começara pouco há, & ella he sentença dos sabios antiquos, que de si deixarão gloriosa memoria: & se fora opinião, fora de cousas contingẽtes & incertas, & ella he necessaria & certissima. E eu, disse o philosopho, tenho a por falsissima. E he o tam sem duuida, que

que a não terá nisso, se não que segun-
do o costume dos Academicos, quiser
em tudo duuidar. Hai ha verdades, dis-
se o companheiro, que nolo não pare-
cem, não polo não serem, mas por não
entendermos a diuersidade do estilo,
em que sam ditas. Digo isto, porq̃ o pa-
dre, como se desnaturou do mundo,
pera que quanto d'elle estiuesse mais
apartado, tanto estiuesse cõ Deos mais
vnido, & quanto mais longe estiuesse
da terra, & de si inda mais longe, tanto
mais perto estiuesse do ceo, tem outro
estilo tão differente do nosso, que au-
mos de entender: que se o não enten-
demos he, porque passa elle alem das
balifas de nosso entendimêto, mas não
porque em suas palauras aja erro, nẽ
falsidade. Não sey, disse o philosopho,
pera que sam razões, pera escusar hũa
sem razão: pois de querer escusar hũa
nascem muitas. Assim como lançando
hũa pedra nũ grande poço se faz hum

Compa-
ração.

DA VERDADEIRA PHILO.

circulo n' agoa, & delle procede outro mayor, & este mayor faz outro mays estêdido, apos o qual vem outro, & outros cada vez mayores quasi é infinito, assi d' hũ erro nasce outro, & este traz outro consigo mayor, apos o q̃l vê outros muytos cada vez maiores quasi é infinito, se lhe não atalhã logo no principio. Facil couza seria atalhar logo no principio a hũ rio, intupindolhe a fonte, donde nasce, ou lançãdolha per outra banda: mas depoy's que nelle entrã outros & outros ribeiros, & com a entrada de muitos rios se faz poderoso & profundo, não ha quem lhe possa resistir. Isto he o q̃ diz Aristoteles, q̃ pequeno erro no principio se faz grande na fim, & q̃ dado hũ : : conueniente se seguẽ muytos. E ás vezes de não apagar hũa palha, se vem atear o fogo nũa & noutra, até que se vê a queymar toda hũa casa, & de pequena fay'sca se faz grãde incêdio. Eu, disse o cõpanheyro,
 não

Compara-
 ração.

Aristot.

não me determino logo tam afinhã como illo a cōdenar, o que não acabo de entender. E sempre tiue pera mim que as coulas se auiam de julgar com deliberação. Que como diz Bias o philoso^{Bias.} pho, segundo refere Laercio, nenhũa^{Laercio.} coula he mays contrayra a deliberar, que a ira & a pressa. E não vos pareça q̄ reprendo a diligencia nas obras, antes tenho pera mim, que não ha coula q̄ ella nao vença. Porque assi como a negligencia he madrastra das virtudes, assi a diligencia he mãi de todas ellas. Ella he hũa mina de bens, & a negligencia hum pego sem fundo, em que todos se alagam. Mas a diligencia ha de ser pesada, & leuâdo nos pés as esporas da ligeireza & velocidade, ha de leuar na mão as redeas da razão & do conselho: de maneyra que na deliberação ha da ver tardança, & na execução da bõa obra pressa. Dõde veo aquelle tão antigo como famoso puerbio: Apressate

DA VERDADEIRA PHILO.

de vagar. O que também quis significar o
Tito Vespasiano. Imperador Tito Vespasiano, filho do
 grande Vespasiano, quando mandou
 pôr por diuísã nas suas medalhas hum
 golfinho velocíssimo, enodilhado nua
 ancora vagarosa. He verdade, disse o
 philosopho, que pela ancora se entêde
 a tardança, & pelo golfinho a pressa: por
Aristot. que Aristoteles afirma q̄ he elle ligei-
Oppiano rissimo. E Oppiano no seu segundo li-
 uro da natureza dos peyxes diz, q̄ nadã
 os golfinhos tão pela agoa, como voã
Plinio. as aues pelo ar. E Plinio no seu nono li-
 uro da historia natural diz, que sam os
 mays ligeiros de todos os animaes, assi
 aquatiles, como terrestres, como volati-
 les. E não somete Tito Vespasiano, mas
Octauiano Augusto se soya muyto de-
 leytar com esse prouerbio, como conta
Aulo Gellio Aulo Gellio no x. das suas noytes Atti-
Macrobio cas, & Macrobio no sexto dos Satur-
 naes. Mas isso se entêde, quando se re-
 presentam algũas duuidas, que fazem
 distrayr

distrayr o animo em diuerfos pareceres então ha dauer deliberação vagarosa, & maduro conselho, o q̃l ha de ser secreto: & por isso edificação os antigos Romanos o templo de Conso, aquem elles chamauão deos dos conselhos, debayxo da terra. E a pos o conselho se ha de seguir a execução com tanta diligência, que pareça que o effeito precedeo á deliberação, de maneyra que primeyro pareça feyto, que cuydado. Mas quando as cousas sam tam manifestas, que nellas não ha que deliberar, de que se negastar o tempo em conselhos: & occupar o iuyzo em escolher quãtas cousas a varia fantasia lhe representa, & o pensamêto em fazer difficuldades, onde as não ha? Quando os erros sam tam claros, como he este do padre, pera que he se não condênalos logo sem mays? Eu todauia, disse o companheyro, suspendo o entendimento, até ver como vos padre prouays, que nem vos nem

DA VERDADEIRA PHILO.

homẽ algũ está, nem tem annos de idade. Folgaria muyto de saber, como pode ser isso. Isso, disse o philosopho, não sabereys vos nunca. Porq̃? Disse o companheiro? Porque o que não he, não pode o Philosopho, não se pode saber. Eu vos prouatey, disse o ermitão, o que digo, se vos nã tiuerdes os ouvidos entupidos & opilados. Antes creio eu, tornou o philosopho, q̃ no los entupireys vos com palauras, & em fim não a dareys a vossa empresa. Couza he esta, disse o companheyro, que eu em extremo folgarey de ouuir. E pera isto assentemos. Assentemos, disse o philosopho. Assentaiuos vos, disse o ermitão, q̃ eu estarey aqui encostado a esta verde & sombria aruore, & ouui se vos bem parecer. Vos padre, disse o companheyro, podeys dizer o que quiserdes, sem nos pedirdes as vontades, em especial a minha, q̃ não discrepará da vossa. Deuieys padre, disse o philosopho, de tomar

mar

mar outro thema, & não gastar o tempo
 em defender sonhos, mas coulas ditas
 de vos. A verdade he a que eu vejo cõ
 meus olhos, que vos vejo estar, & vejo-
 uos viuer, & não poueys vos viuer sem
 terdes dias de vida. E hi não ha menor
 proua, que a que se vé com os olhos. O
 que sabemos d'ouuida pode ser incer-
 to, mas o que sabemos de vista, he cer-
 tissimo. Donde veo a dizer Thales Mi- Thales.
 lesio mestre que foy do grande Anaxi-
 mandro, & antre os Gregos primeyro
 inuetor da geometria, que a differença
 q̃ auia dos olhos ás oueilhas, auia da ver-
 dade á mentira: dando a entender, que
 ainda que os ouidos se enganassem, a
 vista nã se podia enganar. E daqui vie-
 ram os da ilha de Creta, que agora se
 chama Candia, onde nasceo Strabo o
 cosmographo, a pintar Iupiter cõ olhos
 & sem oueilhas, como conta Celio no Celio;
 vj. liuro das suas lições antigvas: signifi-
 cãdo q̃ os q̃ tiuessem mado & dominio,

DA VERDADEIRA PHILO.

não auião de cretudo o que ouuifsem, porq̄ podia ser falso, mas o q̄ vissem, por que isso he, o que auiam de ter por sem duuida. E por isso he o sentido da vista mays excellēte que todos os outros: em tanto que Galeno chama aos olhos mē-bros diuinos. E não sem causa os pos a natureza na mays alta parte do corpo humano, como sentido mays insinhe, & que mays amamos, & a q̄ sobre todos os outros deuemos de estimar. E assi como estam mays altos, assi descobrem mays cousas. E como nenhũa naturalmente entēdamos senão per meo dos sentidos portas & seruentias do entendimēto, & pelo sentido dos olhos sintamos mays q̄ per nenhũ dos outros sentidos, segue se q̄ a elles deuemos amor parte do q̄ sabemos. Isto sentia Aristoteles, quando no primeiro da Metaphisica disse, q̄ a razão porq̄ tãto amauamos os olhos, he porque nos mostrã elles muytas cousas em cujo conhecimēto consiste a philosophia.

Ana

Anaxagoras aquelle excellente philoso- Anaxago.
 pho, que quis tam altamente contepliar
 o curio das estrellas, & a disposição da
 machina do mundo, que por sayr duua
 duuida sayo de si, como referre Xeno- Xenophô
 phonte no liuro que fez dos feytos & di-
 tos de Socrates, pergutado pera que na-
 scera respondeo que pera ver o sol, & a
 lua, & as estrellas, assi o conta Lactancio Lactan.
 Firmiano nas suas diuinias instituições.

Não disse este famoso philospho que
 nascera pera ouuir falar nestas coufas, se
 não pera as ver com seus olhos. Que
 aproueyta hum homem sem vista? Diz Quintil.
 Quintiliano na segunda declamaçam,
 que a priuaçam dos olhos he a total tra-
 queza do homem. Vay grande differen-
 ça de ver a ouuir. Assi como o fogo he o
 mays sutil & alto dos elementos, & que
 naturalmente sobe pera cima, por ser o
 seu lugar o cõcauo do ceo da lua, ficando
 o ár abaixo d'elle, assi os olhos té superio-
 ridade sobre os ouuidos: porque, como

diz

DA VERDADEIRA PHILO.

Aristot. diz Aristoteles, vemos com o fogo, & ouuimos com o ar porque dentro dos ouvidos esta encerrado hu ar, a q̄ Aristoteles chama immouel, & outros cō-natural, no qual como toca o tom, que ve pelo ar, logo ouuimos. E nos nosllos olhos anda hu fogo sutilissimo, a cujo lume ajuntandole o lume ou claridade exterior, logo vemos a cor, q̄ se nos diante appresenta, se hi não ha empedimento. E esta he a causa, como diz

Alexand. Alexandre Aphrodiseu, no seu liuro das causas, porque ás vezes dando rijo co a cabeça naigua coufa dura, vemos ante os oinos candeas accesas, que he o lume, que nos fae delles com o impetuoso mouimento da percussam. E algumas vezes acordando de noite ás escu-ras vemos as mesmas candeas: porque o lume, q̄ estaua dentro nos olhos encerrado, abrindo os fae junto, & a primeyra coufa que vemos he elle. O que acõtece poia mdr parte aos colericos,
por

por a sua compreyssão responder ao fo-
 go. Donde se colhe que não he milagre
 o que Plinio diz de Tiberio Cesar, que Plinio.
 em se alevantando de noite ás escuras,
 via a casa allumiada. E ainda que estes
 philosophos isto não testificarão, basta-
 ranos pera isso a philosophia adquirida
 pella experiencia, porque tanto que se
 faz o trouão, vemos logo o relampado,
 & depoyes ouuimos o tō, sendo tudo nū
 tempo o tom & o relampado: o q̄ pro- plinio
 cede da ligeyreza & futiliza do fogo,
 com que nū instāte vemos, & do vagar
 & espessura do ar, com que per espaço
 ouuimos. O que claramēte se vé no ti-
 ro da bombardada inuentada per philo-
 sophico artificio a semelhança do tro-
 uão, que estando de lōge, primeyro ve-
 mos o fumo & o pelouro, que ouçamos
 o tiro. Tem mays esta potencia do ver
 sobre a do ouuir, que nūca se enfada, nē
 obra com trabalho, nē tem necessidade
 de ninguē, & estende se mays ao lōge, q̄
 todos

DA VERDADEIRA PHILO.

todos os outros sentidos, & não ha cou-
fa, que mays nos certifique que a vista.

Logo poys o ver he tanto mays certo, &
prôpto, & excellête q̃ o ouuir, como q̃reis
vos q̃ crea eu, & admitta o q̃ vos ouço,
& não o que vejo, sendo o que diz vossa
boca contrayro, ao que vem meus olhos.

Saluo se p̃ artificio de ingenho nos que-
reys persuadir o que não he, & meternos
cõ engano no entêdimento a machina

Sinão. dessa vossa opinião, como Sinão o Grego
aos Troianos a entrada do enganoso ca-
ualo pelos muros de Troia. Podera vos
pera exagerar & amplificar minhas ra-
zões trazer hũa nuuê de authoridades,
cõ que vos assombrára, mas não he mi-
nha arte meter logo todo os registros, &
fazer logo no principio grande toada.

Prouuera a Deos, disse o ermitão, que ti-
uereys vos desempedidos & allumiados
os olhos do entendimento, que vos vi-
reys quam falso he isso, que cuydais que
vedes, & quã pouco importa a superiori-
dade

dade dos olhos com tudo isso, que dizeis,
 pera refutar o que eu digo. Os olhos do
 corpo enganãse muytas vezes, por estarẽ
 enneuoados, ou doutra maneyra empe-
 didos, ou porque ainda que se jão claros,
 não hahi distancia delles ao obiecto, ou
 se a ha, he desproporcionada, ou pola bre-
 uidade do tempo da vista. Mas os olhos
 do entendimẽto allumiados cõ os rayos
 do diuino resplendor, não se enganão,
 porque doutra maneyra não seria entẽ-
 dimẽto. E daqui vieram os diuinos pro-
 phetas a chamar a suas prophecias visões,
 como cousas certas & desenganadas. E
 pa vos viuerdes desenganado, folgaria q̃
 me ouuissleys, mas quera que me enten-
 desseys, porque sayndo d'hũ engano não
 entrassleys n'outro. Nem tomeys por tra-
 balho ouuirme, se quereys q̃ vos eu tãbõ
 ouça, porq̃ que não for prõpto no ouir,
 nã se deue de escutar. E ainda q̃ com as
 muitas palauras q̃ accumulastes, aleuãta-
 stes tãto pò, ã parece que se não ve a ver-
 dade

DA VERDADEIRA PHILO.

**Compara-
ração.** dade, toda via ella em fim se verá. Porq̃
 assi como o pao sendo com impeto lâ-
 çado nagoa, ainda q̃ se vaa ao fundo, cõ
 tudo não pode estar tanto escondido,
 que logo não torne a cima, & appare-
 ça, assi a verdade pode ser per algũ té-
 po escondida, mas em fim por mays q̃
 façam, ella per si se ha de descubrir. Ca-
 nenhũa cousa se faz com tão resguar-
 do, que o tempo a não mostre. Isto he o
Matth. 30 que dizia Christo nosso Redēptor em
 S. Matheus: Não ha hi cousa tão encu-
 berta, q̃ se não descubra, nẽ tam occul-
Bernar. ta, que se não sayba. E S. Bernardo diz
 que a verdade impunhada & persegui-
**Tertu-
li. 110.** da então resplãdece mays. E Tertulia-
August. no diz que a verdade ha vergonha de
 estar escondida. Donde diz S. Augusti-
 nho nos soliloquios, que a verdade tem
 por companheyra a constancia: Pera
 dar a entender que nũqua se abate. E S.
Chrysof. João Chrysofotomo affirma que he tam
 clara a verdade, que o seu resplendor
 abate

abateo do sol. E pera q̃ o verdadeyro resplendor nos allumie, primeyramente inuoco a Chão Iesu nosso Deos summo & sempiterno, a q̃ peço que nos fauoreça com sua graça, dandoma amim pera explicar o que sentir, & avos pera sintir o que eu explicar. Porq̃ onde falece a graça ainda que sobeje a sciencia, não sam os entendimentos tão claros, que não viuão ás escuras.

CAPITULO II.

¶ Da velocidade & inconstancia da vida,
& do erro dos que cuydam que
estão, & tem annos de vida.



Stando promptos os dous companheyros, começou o ermitão desta maneyra. Hũ dos enganos, em q̃ está atolado o genero humano he ter pera si, que as coufas do mundo sam firmes & estaneis. E deste erro dos homẽs vierão elles a cayr em outro, q̃ he pòr falsos nomes ás coufas, chamando estados a

B coufas

DA VERDADEIRA PHILO.

cousas q̄ nunca estão, mas sempre corré.
 Chamam estado de principes, estado
 de nobres, estado de plebeios. Vocabu-
 lo q̄ parece q̄ auia de ser desterrado do
 mūdo, em especial d'antre os Christãos
 criados no regaço da igreja Catholica,
 com o leyte das sagradas escripturas: ou
 ao menos que auia de ser bem interpre-
 tado. Se tudo passa, se nenhũa cousa do
 mūdo está, como se pode propriamēte
 chamar estado? Não se pode dizer estar
 o que nunca está: E poys não está, como
 he estado? Saluo tomādo estado impro-
 priamēte, mas eu falo de estado segūdo
 sua propria deriuação. Como pode auer
 estado nos homēs, & como se pode di-
 zer q̄ estão, dizendo o sancto Iob: O ho-
 mē foge como sombra, & nunca perma-
 nece nū mesmo estado. Nã diz, o homē
 anda, mas foge, pa mostrar a velocidade
 do curso da vida: nē diz: foge como cor-
 po, mas como sombra. Que cousa hahi
 mays mudauel & incōstāte q̄ a sombra?

F com

E cõ q̃ palauras podera o glorioso sãõ
 melhor explicat & exaggerar o cõtinuo-
 fluxo & mouimẽto de nossa idade? Isto
 sentia bem aquelle diuino propheta, &
 serenissimo Rey David, quãdo nũ Psal- Psal. 38.
 mo dizia: Em imagẽ traspassa o homẽ.
 Como se dissera: Quereys ver que o ho-
 mẽ nunca estã, attentay pera elle, & ve-
 reys que não somẽte passa, mas traspas-
 sa, & não como substancia, mas como
 imagẽ della, não como cousa solida &
 maciça, mas como vaã & caduca. An-
 tes deste verso disse o Propheta estas pa-
 lauras, q̃ estam situadas no mesmo Psal-
 mo: Toda a vaydade he todo o homẽ q̃
 viue. Onde diz, que viue, pode dizer, q̃
 estã, quanto a seu parecer. E assi inter-
 pretam algũs o vocabulo hebrayco: co-
 mo se mays claramente dissera: Chamẽ
 os outros vaydade ao q̃ quiserẽ, que eu
 digo q̃ o homẽ, que cuyda q̃ estã, he to-
 da a vaydade do mundo, he hũa imagẽ
 apparẽte de fora, & vaã de dentro, que

DA VERDADEIRA PHILO.

não está, mas sempre corre. Esta he hũa das interpretações, & verdadeyros sentidos daquelle lugar, em que o Psalmista nos quis dar o desengano de quẽ somos. E á verdade se nõs quisermos altamente confimar, & desembaraçada a fantasia de seu emleo pregar os olhos na verdade, veremos claramente que as cousas do mũdo não sã substancias estantes, mas figuras: que passam. Donde veo a dizer o

1. Cori. 7. diuino Paulo na segũda aos Corinthios: Passa a figura deste mũdo. Não diz: está, mas passa, nem diz que passa a substancia do mundo, mas a figura. Por maiores, & mays ricas, fixas, & permanẽtes, que pareçam as cousas do mundo, em fim não sã substãcias, mas figuras, ou estatuas transitorias de substãcias. Isto quis significar a sagrada escriptura no

Dani. 2. liuro de Daniel naquella estatua, que vio em sonhos Nabuchodonosor, q̃ cõ quanto parecia grande & poderosa, cõ tudo era figura & estatua de substãcia:

&

& por ter os pés de barro, tinha tão pouca firmeza, que com hũa pedra, que lhe tocou nelles, foy desfeita & tornada em palhinhas, q̃ logo arrebatadas do vento desapareceram. He muyto pera notar, que entendendose per aquella visãõ a grandeza, riqueza, potencia, prosperidade, & finalmente os reynos do mundo, nã diz o Propheta que era substancia, mas imagẽ, nem que tinha todos os pés de ferro duro, mas que parte delles era de barro quebradiço: nẽ diz que permaneceo, mas que foy desfeyta & leuada do vento, nem diz que foy vista vigiãdo, mas dormindo, em sonhos, & não realmente. Que nos quer nisto a sagrada escriptura significar, se não q̃ as cousas do mundo sam hũas vãs imagens sem fundamento nem firmeza, varias, incertas, inconstantes, caducas & transitorias, que passam como sonho, poy se não vem se não em sonhos, & em fim q̃ nam sam cousas solidas, mas

DA VERDADEIRA PHILO:

Ecclef.34. sombra dellas. O Ecclesiastico chama-
 lhe sonhos, sombra, vento, & mentiras
 manifestas. Tertuliano no liuro q̄ fez
 da coroa do soldado, falando das rique-
 zas, & cousas, que o mudo tem por grã-
 des & verdadeiras, diz, Todas as cousas,
 quantas ha neste mudo, sam imagina-
 rias, & nenhũa ha, que seja de verdade.
 y. Sam Ieronymo nua Epistola ao Papa
 Damaso diz assi: As cousas criadas, ain-
 da q̄ pareçam ser, não sam, porque foy
 quando não foram: & pode outra vez
 não ser aquilo que não foy. Deos s̄o, que
 he eterno, & que nunca teue principio,
 tem verdadeyramete nome de essencia.
 E esta he a causa, porque querendo elle
 declarar a Moyfes que era, disse: Eu sou
 o que sou. E depois lhe disse que disse
 aos Hebreos: Aquelle q̄ he me mandou
 a vos. Isto he de sam Ieronymo. Dizey
 vos, disse o Philosopho, o que quizerdes,
 que vos não me podeis negar o que Ari-
 stoteles affirma, & todos os Philosophos
 . confe

Exod.3.

Aristot.

confessam, que as cousas se diuidem em substancias & accidêtes. Porque sancto Thomas principe dos Theologos escolasticos, com todos os outros Theologos questionarios admitem esta diuifam. E ou aueys de confessar que vos errays, & os outros todos acertã, ou q̄ vos sô acertays, & todos os outros erram. Porq̄ como todos tem cõtra vos, se vos dizeis bẽ todos os outros dizem mal, & ferã isso quererdes affirmar q̄ a philosophia estã fundada sobre engano, q̄ he querer destruyr toda a sciẽcia humana. E não sey como vos oufareys a fazelo, saluo se vos sois o Atlas, que fingirão os antigos, q̄ sostinha com a cabeça todo o peso do Ueo, dando a entender q̄ tinha a sciẽcia não fomite das cousas humanas, mas das diuinas. Essa diuifão, disse o ermitão, não he má, nem erraram os philosophos, que a escreueram, nem os Theologos q̄ a approuaram, porque falam das cousas do mundo comparadas antre si.

DA VERDADEIRA PHILO.

Exod. 3

E entam he verdade que hūasfam substancias outras accidentes, cotejadas & conferidas hūas com as outras. Mas comparadas ellas com Deos ficam menòs que accidentes. Porq̃ como Deos seja aquelle que he, como elle mesmo diz, & o nosso ser seja não per si, mas p̃ participação, & não sejam os per nos, mas per Deos: & elle seja per si, & nos não tenhamos de ser mays, que o que participamos de seu ser, leguese que elle so he a verdadeyra substancia, & que nos em sua cõparação não somos mais, que hūa imagē de substancia, & menos ainda. Per onde fica claro, que o vossõ argumento não faz nada contra mim. Nem ha cousa que possa com razão refutar & desfazer esta verdade, que eu digo, poys como vedes, he tirada do thesouro infalliuel da sagrada escriptura, & da lição dos doutores theologos. Mas porque vos fugistes aos philosophos gentios, per elles vòla quero pro-
uar

uar. Iamblico Philosopho Grego na- Iáblico.
 quella obra, que fez, chamada a sua co-
 ua, onde elle copiosamente exprimio a
 doutrina de Platão, mostra que as cou-
 sas do mundo não são mais que hūas
 sombras, & que as não tem por cousas
 & substancias realmente, se não os que
 viuem tão enganados, que leuam a opi-
 nião por guia. Epicteto Platonico diz, Epicteto.
 que nos não perturbão cousas se não opi-
 niões dellas: & que não façamos fun-
 damento dellas, poys logo passim. Eu- Euripid.
 ripides dizia que a gloria do mundo
 não duraua mais que hū dia, como cõ-
 ta Plutarcho. E ainda disse muito. E não Plutarcho.
 sem causa foy reprimido de Demetrio, Demetrio.
 que não ouuera de dizer hū dia, mas hū
 ponto, porque nū ponto se consume
 toda ella. E daqui veo o antigo pro-
 uerbio: (Homo bulla) de q̄ v̄a Varro Varro.
 na prefacão dos liuros da Agricultura:
 & Luciano no dialogo de Charonte, q̄ Luciano.
 quer dizer que o homẽ he hūa empola
 B v dagoa

DA VERDADEIRA PHILO.

Homero. dagoa, q̄ logo se desfaz. Homero cõpara a vida humana a folhas daruores caducas: & Pindaro a sonho de sombra. Nã se contẽtou cõ lhe chamar sombra, mas sonho de sombra. Isto sentia bẽ aquelle moral & excellẽte Philolopho Seneca, quando escreuendo a L. uicilio dizia: Põto he o que viuemos. Como se differa: He tão breue nossa vida, & passa cõ tanta velocidade, q̄ não dura mays que hũ momento. E Marco Tullio na primey-ra Tufculana diz que voa a idade, & diz bem, porque não ha aues por ligeyras q̄ seião, que com tanto impeto & ligeyrza vam ferindo os inconstantes ventos com os remos de suas asas, que se possam com o velocissimo curso de noĩa vida comparar. A par do Hypanisrio de Scithia, que cay d'hũa parte da Europa no Ponto, diz Aristoteles, que nascem hũs pequenos animaes, q̄ não duram mays que hũ dia, & os que chegãõ á tarde sãm velhos, & se acertã de chegar até fol posto,

Isto, sam decrepitos. Vedes vós esta breuidade de vida destes animaes, poys muyto mais breue he a nossa comparada com a eterna. Ainda que n:isto não ha cõparação, ca o finito não se compara ao infinito. Se os Mathematicos affirmam que a terra em cõparação do ceo fica hũ ponto, coufa tam pequena, que se não pode diuidir, sendo o ceo finito, q̃ fica logo nossa vida cotejada cõ a eterna, se não menos que hũ ponto, poys ella he infinita, esta finita: ella eterna, esta temporal, ella sempre permanece, esta sempre passa, & finalmente poys ella he vida, & esta sombra? Isto sentia bẽ Manilio, quando dizia: Nascendo morremos, & a fim pende do principio. E Quintiliano diz: Toda a hora per calados & enganosos cursos nos vay chegando á morte: & nos enleuados num triste & falso pensamento de longa vida, imos correndo per hũs breues momentos do tempo, q̃ vay de pressa fogindo.

Isto

DA VERDADEIRA PHILO.

Isto he o que sentiam os gentios da breuidade & inconstancia da vida. E pera que nisto não duuideys, quero volo prouar pelas diuinas letras, & doutrina dos santos. Estando húa vez o real Propheta falando nũ Psalmo com Deos sobre esta materia disse: (Et substancia mea tanquam nihilum ante te.) Onde Symaco em lugar de substancia põe vida. E foy esta sua interpretação tam recebida dos varões doutos, que até agora ainda não vi nenhũ que falando nella a não engrandecesse. E sam Ieronymo, aquelle peyto de sapiencia, aquella cisterna, onde se recolheram todos os conhecimentos das lingoas necessarias ao entendimêto das diuinas letras, trassada aquelle verso do Hebraico desta maneyra. (Et vita mea quasi non sit in cōspectu tuo.) Como se dissera: A minha vida he como nada, & em comparação de vos meu Deos, he quasi como senão fora. Quero dizer, que he hũ instante,

Psal. 38.

Symaco.

Hierony.

Ho

&

& menos inda, a vida temporal comparada com a eterna. Com isto concerta o que diz o Apostolo sam Tiago na sua canonica: *Que he vossa vida? He hum vapor, que pouco dura. Como se disse- ra: Não vos enganeys com a opinião de longa vida, porque vos desengano, que não he se não hum vapor, ou fumo tam mométaneo, que tanto que apparece, desapparece.* Sam Ieronymo na Epistola do epitaphio de Nepociano diz assi: *Cada dia morremos, cada dia nos mudamos, & indo caminhado pera a morte cuydamos que somos immortaes.* Sam Augustinho no liuro xij. da Cidade de Deos escreue estas palauras: *Todo o tempo, que se viue, se tira do espaço da vida, & cadavez fica menos o que mays fica: de maneyra que nenhũa outra cousa he o tempo da vida, que hũa carreya pera a morte, na qual se nam permite a ninguẽ estar nem deterse, se não correr igoalmente, q̃ tam de pressa corre*

Iacobi. 4.

Hierony.

August.

DA VERDADEIRA PHILO.

Pfal. 107.

5
Sapient. 2.

Seneca.

corre o que viue cincoenta annos, como o que viue não mays que hũ. O que mays viuenão anda mais de vagar, mas anda mays caminho. Isto he do glorioso Augustinho. O Psalmista diz: Os meus dias passaramse como sombra, & eu sequeyme como feno. Falando o liuro da Sapiencia nas cousas do mundo diz dellas estas palauras: Passaram todas aquellas cousas como sombra, & como correo, que vay pela posta. E Seneca: Tudo o que ves corre com o tempo, nam ha cousa no mundo estauel, firme, & permanente. E poys tudo vay com as esporas nos pés, poys tudo tam de pressa passa, & nada está, segue se que nos não estamos, mas passamos, & corremos de continuo esta posta até a morte. Passar & correr, & juntamente estar repunha. Como he possiuel, como se compadece num mesmo tempo estarmos & corrermos, ficarmos & passarmos? Donde se cõclue, que não vñam
de

de bõa lingoagẽ os que perguntam, como estays? Nem os que respondẽ: estou bem, ou estou mal. Tam má he a resposta como a pergunta. Os que tem mays altos os espiritos, & falão mays propriamente, pergũtando dizẽ: Como passays? E respondendo dizem: Passo desta maneyra, ou desta. Desta conclusam se segũe a outra, que eu dizia, que não tinha não digo eu annos, mas nem ainda dias de vida. Se os annos passam, se os dias voão, se as horas fogem, se os momẽtos desaparecem, se depõys de passados não fica nada delles, como posso eu ter, nem outra pessõa algũa, o que hi não ha? Vedes logo quam mal perguntaueys, quãtos annos eu tinha. Melhor pergũtareys, quãtos annos deyxaua de ter. Nunca pergunteys a ninguẽ de que annos he, senão de q̃ãnos deyxã de ser. Nos liuros das cõfissões diz S. Augustinho: As cou-
August.
tas quãdo nascem, & vão a seu ser, quãto com mays velocidade crescem pera
serem

DA VERDADEIRA PHILO.

ferem, tanto mor pressa se dão pera não serem. E nos liuros da Cidade de Deos diz assi: O homẽ indo viuẽdo vay quasi continuamẽte morrendo. E nisto não deve auer debate, poys quãto mays viemos, tanto mays nos imos chegando á morte, & quãto mays nos appropinquamos ao ser, tanto mays imos deyxãdo de ser. A quelle diuino Gregorio outro S. Pedro no regimẽto, outro S. Paulo no pulpito, escreue estas palauras nos Moraes. No mesmo cotidiano momento, que viemos, sem cessar passamos da vida, & o espaço della entammingoa, quando cuidamos que cresce. Donde se colhe que viuer he deyxar de viuer. Isto se tira do v. capit. da Sapiencia, onde estam situadas estas palauras. Nos nati continuo desiuimus esse. Nos em cemençãdo a nascer, começamos a morrer. Donde se infere q̃ a nossa vida, como diz S. Gregorio nũa homilia, he hũa morte perlongada: A qual nos não chama

August.

Gregor.

Sapient 5.

Gregor.

chamamos morte senão na fim da vida, mas ella começa, quando a vida começa. E assi se entende aquillo que Deos disse a Adam nosso primeyro padre, q̄ no dia que comeſſe d'arvore da ſciência do bem & mal, morreria. E assi foy, que tanto que comeo, logo morreo, não ſo- mente ſpiritual, mas corporal mēte: mas durou a morte corporal até a fim da vida, porque em peccando, tanto q̄ o peccado foy conſumado, gerou a morte, & elle ficou mortal, & quanto mayshia vi- uendo, tanto mayshia deyxando de vi- uer. Donde n'òs quanto mais imos apos a vida, tãto maysh nos alongamos della, & quanto maysh della alcançamos, tan- to maysh della perdemos. E como diz S. Ifidoro, corremos, & ſem ſabermos o q̄ fazemos, imos dar com noſco nos limi- tes da morte. E poys quanto maysh nos crescendo, tãto mais a vida vay mingoa- do, & quanto maysh viuemos, tãto maysh deyxamos de viuer, paſſandoſe os años

Genes. 2.

Ifidoro.
lib 3. 12
Amos.

DA VERDADEIRA PHILO.

& os dias, & elles passados deyxã de ser,
 & deyxãdo de ser não os habi, está claro
 que nẽ eu, nem ninguẽ, tem annos nẽ
 dias de vida, porq̃ o que hi não ha não se
 tẽ. E cõ isto ficão puadas as duas propo-
 sições, q̃ eu auia de prouar, q̃ nẽ eu esta-
 ua, nem tinha dias de idade. E não vos
 enganeyis com vos parecer, q̃ me vedes
 estar, porq̃ assicomo hũ homẽ, que vay
 nũa nao cõ todas as velas despregadas a
 força dos ventos attraessando as duui-
 dosas ondas, caso que elle vã assentado,
 toda via anda chegando se ao porto, assi
 eu, inda que pareça que estou, cõ tudo
 caminho pera a morte. E olhay quam
 pouco ha q̃ vos aqui topey, que des en-
 tão até agora passey hũa hora de vida, q̃
 agora tenho menos. E esta perdi, este
 espaço que viui, porque viuer he perder
 a vida, & perdella he morrer, & morrer
 he deyxar de ser, que o nosso viuer & o
 nosso ser andão ao oliuel vnidos & in-
 separaueys hum do outro. Donde se
 colhe

Compa-
 ração.

colhe que quẽ deyxá de viuer, vay deyxando, de fer, & deyxando de fer, não está sempre nũ fer. E daqui se conclue fer falso o que vos dizieys, que me vieys com vossos olhos viuer & estar. Porque como viuer seja passar a vida, & passar seja não estar, segue-se que se me vedes viuer, vedes me passar & nam estar. Quanto mays que me não vedes viuer. Hũa coufa he verde sine viuo, outra he verde sine viuer. A primeyra he verdadeyra, a segunda falsa. Porque se me visseys viuer, verieys ir caminhando a vida, & ella não se vé, dado que se vejam seus effeitos: porque como a cõr seja objecto da vista corporal, & ella não possa ver senão coufa córada, porque nenhũa coufa se vé se não per meo da cõr, & a vida não tenha cor, segue-se q̃ he inuisivel. Donde está clarissimo que me não vedes viuer. E assi tenho prouadas por verdadeyras, & clarissimamente concluydas as minhas duas proposiõs,

C ij que

DA VERDADEIRA PHILLO.

ã vos tinheys por falsas, & as vossas por falsas, que vos tinheys por verdadeyras. Per onde me parece q̃ tereys ja amaynadas as velas de vossa opinião, & inclinado a minha tenção o vosso entendimento, que quando he claro & distincto, logo se rende á verdade, que he o seu proprio objecto.

CAPITVLO III.

¶ Da resposta às obreyções a cerca da vista, & da introduçam da verdadeyra philosophia.



Cabado este razoamento fez o ermitão mostra, que de cansado da longa practica lhe daua fim. E cuydãdo o Pilosopho que nam tinha elle mays que dizer, soltou as redeas á boca, não confirando quãtas razões o ermitão trouxera, pera o reprender, & quã poucas elle tinha, pa se desculpar, & disse desta maneira. Costume he

he dos Philosophos refutar primeyro as
 razões falsas, & depoyz prouar as verda-
 deyras, como faz Aristoteles nos phyli- Aristot.
 cos, & nos liuros de Anima, & em ou-
 tros muytos lugares. Porque assi como o Compa-
 bom laurador primeiro tira fora do câ- ração.
 po as espinhas, & depoyz lança a bõa se-
 mête, assi o bom Philosopho & orador
 primeyro refuta as razões contrayras, q̃
 confirme as suas. Mas vos pelo contray-
 ro confirmastes as vossas sem responder
 ás minhas, trazendos eu muytas a cerca
 da superioridade da vista, q̃ vos até ago-
 ra não desfatastes, porque á verdade não
 cuydastes bem o q̃ auieys de dizer, q̃ as
 cousas bem cuydadas cuido eu, que não
 dam cuydado de se desfazerem. Não he
 sempre necessario, tornou o ermitão, pri-
 meyro refutar que confirmar, em espe-
 cial quando as razões contrairas não fa-
 zem a proposito, & sam taes q̃ ellas per-
 si se refutão, porq̃ a falsidade té isto, que
 como se lhe atrauessã diante a verdade,

DA VERDADEIRA PHILO.

ella per si se desbarata. As razões, que trouxestes pera prouardes a excellencia dos olhos, está claro que não fazem por vos: porque inda que a vista faça certa proua, isso he quando nella não ha engano: o q̄, como p̄ rouey, se não pode dizer pola vossa. Que se bem estiuestes attento, claramente vos mostrey, que me não vieys viuer & estar, & que não samente isto he falso, mas impossivel, que he o q̄ vos dizeys: porque viuer he passar, & estar he ficar, como o mostrey per razões manifestas & necessaras. Per onde fica euidente, que nam vedes o q̄ dizeys que vieys, & que isso he húa pouca darea solta, sobre que fundastes vossas razões, que como não tem alicerce, ellas, caē per si com qualquer bafo de vento.

Quanto mays q̄ não hay razão pera có tantas louuardes, & tão excessiuamēte engrandecerdes os olhos, poys elles sam a muytos causa de muytas defauētu ras.

Genes. 3.

Se Eua nã vira a aruore defesa, pode ser
que

que não peccara: mas tanto q̃ a vio fermosa & deleytosa á vista, tomou do fructo della, & comeo. No ij. dos Reys diz a escriptura sagrada que vio el Rey Dauid d'nũ seu eyrado a fermosa Bersabé molher do capitão Vrias, & q̃ foy ferido de seu amor, & que peccou cõ ella. Melhor lhe fora nunca a ver, poys estando a vendo ganharã os olhos contentamẽto, & o coração p̃deo a liberdade. De Olofernes diz a escriptura, que vio Iudith, & q̃ foy preso em seus olhos. Nas L amẽtações de Ieremias se diz: O meu olho roubou minha alma. Isto sentia bem o Propheta Real, quando dizia. Apartay Senhor meus olhos, porq̃ nã vejam vaydade. E pa q̃ falemos tambẽ nas humanas historias: Dizeime qual foy a causa & principio da destruyção de Troia, se não os olhos de Paris & Elena? Elles forã a fonte daquella espãtosa guerra tã nomeada em todo o mũdo. Nẽ hahi razão pa dizerdes q̃ os olhos sã o coraçã dõde

2. Reg. 11.

Judith. 10.

Threno. 3.

Psal. 113.

DA VERDADEIRA PHILO.

procedem todas as veas da philosophia, como que sem elles não poderíamos philosophar, & contemplar os segredos da natureza, & os altos mysterios não somente das cousas naturaes, mas sobrenaturaes. Antes a vista he empedimento pera philosophar. E Aristoteles no liuro de somno & vigilia: diz, que os cegos de natureza tẽ mays perfeytas as virtudes interiores. E vemos cada dia q̃ os homẽs dalto spiritos buscã lugares escuros pera suas cõreplações, onde o juyzo quieto possa escolher as cousas, q̃ o alto ingenho inuentar, porque a vista exterior distrahe a interior. Em tanto q̃ Demochrito, que aprendeo a Astrologia dos Chaldeos & Gynosophistas, a quẽ Plinio chama sagaz & vtilissimo pa a vida humana, tirou os olhos, por poder mi-lhor philosophar, & subtilizar as obras da natureza. E não me atreuera a dizer que elle per si se cegara, se o não dissera Aulo Gellio, Laberio, Lucrecio, Mar-

Aristot.

Demo-
chrito.

Plinio.

Aulo Gel.
Laberio
Lucrecio

co

co Tullio, & muytos outros autho-
 res. Cego foy Asclepiades o philologo,
 & Diodoro Stoico, & Cayo Durio o iu-
 rilconsulto, & nem por isso deyxaraõ de
 ser excellentes & famosos. Poys Apio
 Claudio Romano depois de cego foy
 censor, & governou marauilhotamete
 a republica, & fez grandes coufas, muy-
 tas das quaes deixou em escripto Plinio
 Philospho, & aquelle grande orador
 Marco Tullio, cume da oratoria, ao q̃
 antre todos os mortaes foy referuada a
 palma da humana eloquencia. Que me
 direys de Homero aquelle extremo da
 poësia, tam estimado no mundo depois
 de sua morte, que contenderam antre si
 muitas cidades, sobre de qual dellas fo-
 ra natural: nem ouue Principe antre os
 gentios, que das letras tiuesse conheci-
 mento, que não estimasse sua namete
 suas obras: em tanto q̃ Alexandre Ma-
 gno de dia as trazia nas mãos, & de noi-
 te as tinha cõfigo á cabeceira: & affirma

M. Tull.
 Niclepias
 Diodoro.

Apio
 Claudio.

Plinio.

M. Tullio.

Homero.

Alexand.

DA VERDADEIRA PHILO.

- Plutarcho.** Plutarcho, que trazêdolhe hũa vez apresentada hũa cayxa preciosissima, q̃ fora del Rey Dario, disse q̃ era boa pera guardar nella a Iliada de Homero. Pois
- Herodoto.** affirma Herodoto, que foy cego, & que sendo antes chamado Melosigenes, fora chamado Homero, que na lingua dos
- Marciano.** Iones, quer dizer cego. E Marciano lhe
- Petrarcha.** chama Meonio cego. E Petrarcha diz q̃ este era o cego q̃ via muitas coufas. Diz
- Hieron.** S. Ieronymo no Catalogo dos escripto-
- Didymo.** reseclesiasticos, que Didymo Alexandrino cegou sendo criança, pela qual causa nunca conhecera as letras, & que assi cego aprendeo perfeitamente adialectica & a geometria, & q̃ foy tam excellente Theologo, que escreueo commentarios eruditissimos sobre todos os Psalmos, & sobre Esaias, & Oseas, & sobre os Euangelhos, & contra os Arrianos, & outras obras de grande doutrina. E foy contemporaneo & grande amigo de S. Ieronymo, ao q̃l dedicou os cômẽtarios
- fobre

sobre Oseas. E nisto não hai q̃ debater
 poylo affirma o mesmo S. Ieronymo co
 mo testimunha de vista. Ainda q̃ os ce
 gos nã possã julgar & discernir o brã
 co do negro, basta que possã julgar &
 discernir o vetdadeyro do falso, o justo,
 do injusto, o honesto do torpe, & final
 mente o bom do mau. E por não gastar
 o tempo em recitar varões insuaes, q̃
 forão carecidos da vista, lede a Officina
 de Textor, & hi vereys grande numero Textor.
 delles. E quanto he a reposta de Anaxa- Anaxago.
 goras, q̃ vos tanto engrandecestes & ce
 lebrastes, está tã lōge de dina de ser lou
 uada, como perto de reprẽdida. Porque
 se a bem quiserdes examinar, não acha
 reys nella que louuar, mas muyto que
 reprender. Milhor fora certo quan
 do lhe perguntaram pera que nascera,
 responder que nascera pera ver, & co
 nhecer, & amar, & seruir, quẽ fez o sol,
 que pera ver o mesmo sol. Se lhe punha
 admiracã a luz de tã excellẽte planeta,
 posera

DA VERDADEIRA PHILO.

posera os olhos do entēdimēto naquella
 luz sempiterna, dōde procede toda a
 outra luz: cōfirara aquelle alto Deos,
 que de si diz: Eu sou luz do mundo. De
 quem diz S. Ioão: Elieera a luz verda-
 deira, que allumia todo o homē que vē
 a este mudo: olhara pera aquelle sol de
 justiça, aquelle diuino & sempiterno
 lume, q̄ não he todo o vniuerso possante
 pera lhe tolher sua luz, & este sol, q̄ ve-
 mos, basta so a lūa pera o eclipfar. Se o
 atrahia assi a fermosura do sol criado,
 contemplara a fermosura do criador,
 donde vem toda a outra fermosura, por
 que a fermosura das criaturas vem do
 criador. Onde vierão a dizer os sabios
 antigos. (Bonitas est in cētro, pulchri-
 tudo verò in circulo.) Como o relata
 Celio no principio de suas lições anti-
 guas. Como se may claramēte disserão:
 Toda a bondade está no ponto do meo
 da esphera, do qual pcede a fermosura
 della mesma. A esphera tē hū pōto no
 meo

Ioan. 8.

Ioan. 1.

Celio.

meo, q̄ se chama cetro, do qual saẽ as linhas pera a circũferencia. Pelo centro entendẽ elles a Deos, & que per si, per sua essencia & natureza só elle he bom, & que a fermosura das creaturas assi interior como exterior he per participacão desta summa bondade, q̄ he Deos. Isto he o q̄ quis significar Christo nosso Redemptor, quando disse, como conta S. Marcos. Ninguem he bom se não só Marci. 10. Deos. Assim como o centro he hũ, & indivisuel, & está no meo, & del' e saem as linhas pera a circũferencia, assi Deos he hũa vñidade simplissima, hũa acto purissimo, q̄ está em todas as cousas, do qual pcedẽ os rayos da fermosura das creaturas. Elle está dentro em nós, & he fonte de todo o ser, ser do mesmo nosso ser mays intimo a nós que nós. Isto entendia o bom Propheta quando falado com Deos dizia no Psalmo: [Apud te Psal. 35. est fons vitæ.] phrase hebrayca, como se mays claramente dissera: Vos Senhor
fois

DA VERDADEIRA PHILO:

Ioan. 3.

Roma. 11.

sois a fonte, donde mana toda a vida, & todo o ser. Isto he o q̄ dizia Ch̄o Iesus falando com os Iudeus: Eu, que falo cõ vosco, sou o principio. E sam Paulo na Epistola aos Romanos: Delle, & per elle, & em elle sam todas as cousas. Deos he hũ principio sem principio, a mesma bondade, donde vem tudo o q̄ he bõ. A fermosura da terra cõ suas eruas, flores, plantas, rios, & animaes: a beleza do ceo cõ toda a tapeçaria das claras & resplandecentes estrellas, toda a graca, sapiencia, virtudes & ornamētos a' alma: finalmente toda a fermosura assi interior como exterior he hũ resplendor dos raios da diuina fermosura. Tudo vê de Deos, daquella fermosura antigua, daquella sapiencia infinita, daquella bondade immensa, daquelle cētro summo & sempiterno, que he Deus. E poys todo o nosso bẽ he participado & procedido daquelle summo bem, de que seruia a Anaxagoras dizer, q̄ nascera pera
ver

ver o sol & as estrellas, sem lembrança de
 que as criou, sem pensamento daquelle
 alto & poderoso criador, & moderador
 do ceo & da terra? Se nos não nascera-
 mos se não pera ver o sol, segue-se q̄ os
 que nascem cegos, nasceriam de balde,
 & ferião lançados no múdo pera nada,
 que não pode ser mór erro. Nos nã na-
 scemos pera conhecer o sol, se não pera
 conhecer a Deos, o que pode ser sem
 olhos corporaes, pera que conhecêdo,
 o amemos: & siruamos, & amando &
 seruindo o vejamos na vida eterna, &
 gozemos d'elle naquella summa & cele-
 stial gloria pera sempre. E esta imortal
 bemaumenturança se alcança com a ver-
 dadeyra philosophia, que não consiste
 no conhecimento de muitas cousas, co-
 mo vos dizey, porque pouco aproueita
 a hũ homẽ conhecer muytas cousas, se
 não conhece a si mesmo, nem faz cou-
 sas conformes ao pera que foy criado. |
 Poys, disse o Philosopho, em q̄ consiste
 logo

DA VERDADEIRA PHILO.

logo a verdadeyra philosophia? Será, respondeo o ermitão, longo de contar, o que sinto nesta parte. E por isso será melhor callar, que dizer pouco, no que se não pode dizer se não em muyto. Não ha cousa no mūdo, disse o companheiro, que eu agora mays folgara de ouuir, que em que consistia a verdadeyra philosophia: porque he esta hũa difficuldade, que tem abalados muytos entendimentos. E não sinto eu agora pessoa, de quẽ a eu tanto deseje douuir padre, como de vossa reuerencia, porque sey que a tratareys muyto bem, & que responderá o q̃ disserdes ao que tendes dito, q̃ certo prouastes marauilhosamente o q̃ propusestes, & desfezestes as obreyções & razões em contrayro com tanta evidencia, que não tenho eu palauras, com que o possa explicar, quanto mays q̃ as vossas sam mays claro & verdadeyro testemunho de vosso louuor, do q̃ as minhas o podẽ certificar. Foy a vossa pratica

tica hũ fol, q̃ me desfez hũa nuuẽ, q̃ tinha
 ante os olhos. E se minhas petições tem
 ante vos algũa valia , teria eu grande cõ-
 tentamento , se o vos tiuesseys de tratar
 esta materia. E peçouos muyto que o fa-
 çays, porq̃ me fareys nisso grande merce.
 E eu tambem, disse o Philosopho, folga-
 rey de vos ouuir, & receberey em chari-
 dade a q̃ nisto nos fizerdes: não porque o
 eu não sayba, mas folgarey de saber quã-
 to sabeis. E eu, disse o companheyro, não
 o sey, & folgarey de o ouuir, Ia vejo, disse
 o ermitão, q̃ me não posso escusar , mas
 pesame de não ter igoaes hõbros a tãma-
 nha carga, porq̃ me acho muyto falto de
 força, ainda que vosso rogo teue tanta q̃
 ma deu. E o que disser ser tirado dos au-
 thores, em cuja lição tenho consumida a
 mór parte de minha idade. Porq̃ erro he
 intolerauel, querer hum homẽ tratar so-
 mente com suas razões, & inuenção de
 seu ingenho materias tam altas, que en-
 fraquece o entendimẽto, & vacilla logo

DA VERDADEIRA PHILO.

no principio, somente em nellas cuydat.

CAPITULO III.

¶ Da consideração, & conhecimen-
to de si mesmo.



Qui esteve o ermitão hum
pouco calado, cõ os olhos
pregados no chão, como q̃
reueluia na memoria, o q̃
auia de dizer, & tornando
como sobresi disse. He cousa tam alta &
excellente a philosophia, & tam bayxas
& rudes minhas palauras, que não au eis
d'attentar o pouco q̃ digo, se não o muy-
to q̃ quero dizer. Os mathematicos pera
mostrarem as cousas do ceo, tem na mão
hũa esphera de pao, que acerta ás vezes
de ser de aros de peneyra: & alli estam
mostrando a linha equinocial, o zodiaco
cõ os doze signos, cada hũ de trinta graos
em comprimêto, & doze em largura, os
polos arctico & antarctico, o cyxo, & os
circulos, cõ as mays cousas do ceo. A ver-
dadeyra philosophia he como hũ ceo, &
milha

Compa-
ração.

minha pratica he esphera de pao, & em
 comparação da excellencia do subjecto
 ficam minhas palauras aros de peneyra.
 Mas trabalherey por ser breue & cõpen-
 diofo. Porq̃ assicomo aquella moeda he Compã-
ração.
 melhor, que sendo menor na materia, he
 mayor nã valia, assi aq̃lla tenho por mi-
 lhor pratica, q̃ sendo mays breue nas pa-
 lauras, he mays lōga nas sentēças. A ver-
 dadeyra philosophia começa no homem
 pela consiração de si mesmo. Isto quis di-
 zer S. Ioão Chrysofomo, quando affir-
 mou q̃ a primeira coufa do homẽ desejo
 fo da sapiencia he cõttemplar a si. E desta
 cõttemplação vem o homẽ em conheci-
 mento de si mesmo, que como diz S. Ba- Bañlio.
 filio no seu Examerõ, he a mays difficul-
 tosa de todas as coufas. Este he hũ alto
 conhecimento, conhecer hũ homẽ a si.
 Adam nosso primeyro padre pos os no-
 mes aos animaes, & diz a escriptura no
 ij. c. do Genesis, q̃ os nomes q̃ elle lhe p. s. Genes. 2.
 sses lhe ficarão: & pôdo nome as outras
 D ij cou

DA VERDADEIRA PHILO.

coufas não pos a si. Porq̃ este nome Adã he appellatiuo, & commū a todos os homês, tem embargo q̃ se applica propriamente a nesso primeyro padre, mas basta que o nome he commū. Assi como homẽ se deriua de humo, palaura latina, que quer dizer (terra,) assi Adã se deriua de adamah, palaura Hebraica, que quer dizer o mesmo: porq̃ os homês sã de terra. Dõde S. Ieronymo no liuro dos nomes hebraycos, & S. Augustinho no xv. liuro da Cidade de Deos dizem que Adam he nome comū, assicomo o he homẽ. O que se colhe de muytos lugares da sagrada escriptura, q̃ por breuidade deyxõ de recitar. Muyto he pera ponderar, & inquirir, qual he a causa, porque pondo Adam o nome ás outras coufas, o não pos a si. Porque cuydarmos que foy isto descuydo, será mostrarmos descuydados, onde auiamos de ser muyto sollicitos. O q̃ me amim parece he isto. Pera saber por conuenientes nomes ás coufas,

reque

Hierony.

August.

requererse conhecerlhe as effencias & naturezas: & como Adam no estado da innocência tinha sciência de todas as cousas, que naturalmente se podiam saber, & doutras mays, como o affirma S. Thomas Thomas. seguindo & amplificando a sentença de S. Augustinho, facil cousa lhe foy August. por lhe nomes conuenientes a suas qualidades. Mas não pos nome a si, porq̃ não se atreueo a dizer, que se conhecia a si.

Quis nos ensinar a escriptura, que he tão difficil o conhecimento de nos mesmos, & tam alta esta philosophia, que muyto mais facilmente entenderemos as naturezas das cousas, por escondidas & incognitas que sejam, que a nos mesmos. Mas nam acaba aqui a verdadeyra philosophia, porque passa mays auante. Deste conhecimento de nós vim os ao conhecimento de Deos. E assi interpreta. S. Basilio Basilio. aquillo do Psalmista: (Mirabilis facta Psal. 138. est sciencia tua ex me:) Como se dissera:

De ter sciencia de mĩ vim Senhor a ter

DA VERDADEIRA PHILO.

marauilhosa sciência de vos. Quanto mays
 cayõ na conta de quem sou, tanto ò meu
 Deos se me aleuanta o espirito ao mara-
 uilhofo conhecimento, de quẽ soys. Philo
 Platonico no liuro q̃ fez do somnho de
 Iacob diz assi: Aq̃lle sapiētissimo Abrahã
 quãdo summamente se conheceo, entãõ
 se deyxou de conhecer a si, por conhecer
 bem aquelle bem, que verdadeyramẽte
 he o que he. Isto diz elle, porq̃ nos conuẽ
 entrar em nos, & meternos no centro de
 nos mesmos, & dahi passarmos a Deos, pa
 o conhecermos, & amarmos, & contem-
 plarmos. Vgo no seu liuro de Anima diz:
 Por demays aleuanta o olho do coração
 pera ver a Deos, quem ainda não he ido-
 neo pa se ver a si. E á verdade parece isto
 ser verdade. Porq̃ como a ignorãcia de si
 mesmo seja causa da malicia, como diz
 Lactancio Firmiano, & o coração mali-
 cioso & deprauado não veja a Deos, bẽ
 se segue, q̃ não vendo hũ homẽ a si, nã ve-
 rá a Deos. Diz S. Gregorio Nazãzeno, q̃
 assi

Philo.

Vgo.

Lactan.

Nazãzeno

afficomo fozede mal aquẽ quer pregar fi
 tos os olhos nos raios do sol, tẽdoos doẽtes
 & aggrauados, assi o ipuro não pode ver a
 summa pureza, & os olhos, que sam tam
 enfermos, que não podẽ confitar & ver
 sua bayxeza & miseria, mal verão a sum-
 ma grandeza & diuina maieftade. Porq̃
 nos quanto mays p̃ humildade descemos
 ao conhecimento de nos, tãto mays per
 contemplação sobimos ao conhecimẽto
 de Deos. Nas cousas corporaes toca no
 alto quem se estende & aleuanta, & nas
 spirituaes quẽ se abayxa & inclina. A fal-
 sa philosophia com enganofas afas de so-
 berba fobe pa descer, & a verdadeyra de-
 sce pa subir. Que nos aproueyta conhe-
 cer os cursos & influencias das estrellas,
 as virtudes das plantas, as qualidades dos
 elementos, as naturezas dos animaes, &
 de todos os outros corpos mistos, se nos
 não conhecemos a nos? Qual pode ser
 mór miseria, que nam conhecermos nos-
 sa miseria? Que mór falta pode ser de

DA VERDADEIRA PHILO.

conhecimento, q̄ não acabar mos de co-
 nhecer, que nos não conhecemos? Como
 podemos saber muyto na casa alhea, se
 tam pouco sabemos na nossa, q̄ nos não
 sabemos a nós? Se ignoramos nossas cou-
 sas proprias, de que serue gloriarmo nos
 no conhecimêto das alheas? E mays pois
 habi algũas, que nos seria melhor não sa-
 bermos: como parece que quis significar
 a sagrada escriptura no ij. capit. do Gene-
 sis, onde Deos mandou a Adam que não
 comesse d'aruore da sciencia do bem &
 do mal. São Paulo na primeyra aos Co-
 rinthios diz, que a sciencia incha, & a cha-
 ridade edifica. S. Bernardo diz q̄ a scien-
 cia sem charidade he manjar indigesto, q̄
 por falta de calor natural, q̄ he o diuino
 amor, se corrompe: & que carréga & não
 nutre, damna & não aproueyta. A areia p̄
 si só nã aproueyta pera edificar: ha mister
 que seja junta & misturada com a cal.
 Porque então ajunta, vne, sustenta, for-
 tifica, & perpetua as pedras do edificio.

A scien

Genes. 3.

1. Corin. 8.

Bernar.

Compa-
 ração.

A sciencia he area, a charidade cal. Sciencia sem charidade he area sem cal. É esta he a sciencia sem conhecimêto de nos & sem virtude, em especial quando he de cousas, que nos danão. Não curemos logo de saber o que nos empece, mas o que nos aproueyta. E primeyramête conhecamos a nos mesmos, entédamos nossa miseria, & desfaremos a roda de nossa fantasia. Quem hahi que vendo que he terra, o mays bayxo dos elementos, & borra de todos elles, ouse ter presumçã? Não nasce ella senão de não conhecermos quẽ somos. Sancto Augustinho diz August. estas palauras: Antes q̄ fosses homẽ eras terra, & antes que fosses terra, eras nada. Logo antre ti & nada não se mete se não hũa pouca de terra, & inda não bõa peyra taypa. Nos somos de terra, & a terra de nada, logo somos filhos da terra, & netos de nada. Vedes aqui nossos auoẽgos. Esta he nossa geração, & nossa fidalguia, estas sam nossas armas, & appellidos.

DA VERDADEIRA PHILO.

Philippe. De Philippe padre de Alexandre magno se diz, q̃ tinha hũ pagẽ, q̃ lhe feruia de lhe dizer cada dia estas palauras: Philippe es homẽ. Como se lhe differa: Não viuas esquecido de ti, não te emlee a falsa prosperidade do mundo, lembrete q̃ es homẽ, & que sendo homẽ es mortal, caduco, & subjecto a enfermidades & defaueuras. Assim como os outros principes tẽ pagẽs de lança, pagẽs de campayna, pagẽs d'outras coufas, assi Philippe tinha este pagẽ do defengano, que a meu ver era o mays necessario, q̃ tinha. E prouesse a Deos q̃ tiuessẽ todos os principes taes pagẽs, q̃ os seruißem de lhe dar o defengano de seus profundos enganõs, & lhe trouxessem cada dia á memoria, q̃ erãõ mortaes, & q̃ se conhecessẽ a si mesmos. Os antigos differãõ que a mays excellente sentença & apophthema, q̃ se podia imaginar, era esta: Conhece te a ti mesmo. Diogenes Laercio diz q̃ he ella de Thales hũ dos sete sabios de Grecia: Plinio diz q̃ he

de

Laercio.

Plinio.

de Chilo Lacedemonico, Ouidio de Pythagoras, Socrates & Platão attribuenna a Apollo, aos quaes segue Macrobio no somno de Scipião. Como quer q̄ seja, ella era tida por diuina, & em tãta estima, que perguntado Demonax o philosopho quando começára a philosophar, respondeo, que depoyz q̄ começara a conhecer a si mesmo conforme á diuina sentença. Em fim q̄ ella era contada antre as coufas sobrenaturaes, & por tal a tinhã escripta na potta do tēplo de Apollo, q̄ elles tinhão antre as vaydades de seus falsos deoses, a cujo oraculo elles hiã fazer suas pergūtas & orações. Edizião q̄ a tinhão escripta na entrada & t̄o tispicio do tēplo, pa significarē, q̄ antes q̄ cada hū pedisse, olhasse pa si, & conhecesse quē era, por q̄ de se não conhecer, não saberia o que lhe cōpria, & de o nã saber viria a não atinar no que auia de pedir: donde procederia pedir coufas, que cuydando serē causa de sua bēaueurança, fossem causa de sua

deca

Ouidio.
Socrates.
Platão.
Macrobio.

Demonax

DA VERDADEIRA PHILO.

defauntera. Donde concluião que se os
homés não sabião a Deos pedir era, porq̃
se não sabião conhecer, & não conhecê-
do a si não conheciam as outras cousas.

Socrates.
Xenophô.

Socrates, como conta seu discipulo Xe-
nophonte, diz que ignorarse hũ homé a
si, & cuydar que conhece o q̃ não conhe-
ce, não fomente he ignorância, mas defa-
tino. E Platão diz que he cousa ridicula
ignorar a si, & querer conhecer os outros.

Platão.

E daqui vem nossa soberba, de não cay-
mos na conta de nossa miseria. Vaynos
tanto em sabermos que somos terra &
lodo, que sem este conhecimento cayre-
mos nũ tam profundo abyfmo de males,
que nos perderemos de todo. Querendo
Christo nosso Deos curar hũ cego de na-
tureza, diz S. Ioão aos ix. capit. de seu sa-
grado Euangelho, que cuspio em terra,
& que fez lodo, & que lho pos nos olhos,
& o mãdou lauar á fonte de Siloë, & que
desta maneyra o farou. Ainda que á pri-
meyra vista esta cura pareceffe cõtra na-

Ioan. 9.

tureza

tureza, porque a lama lãçada nos olhos
 çujaos & não os alimpa, cegaos & não os
 a clara, com tudo quis nosso Redemptor
 curalo desta maneyra, pera nos ensinar,
 que sempre seriamos cegos, se não tiuef-
 semos ante os olhos a terra & lama, de q̃
 fomos. E que se queriamos ter vista, que
 vissemos quẽ eramos, & q̃ vistas & exa-
 minadas nossas miserias & culpas, nos fos-
 semos á fonte da penitencia, & que alli
 seriamos lauados naq̃llas diuinas agoas
 da sacramental confissam ordenada per
 Christo. Não basta termos nos olhos a la-
 ma, se nos não formos á natatoria de Si-
 loë: quero dizer, q̃ nos não basta conhe-
 cermos quem fomos, & os males que co-
 metemos, mas he necessario irmonos la-
 uar áquelle glorioso sacramento da con-
 fissão, áquellas celestiaes agoas de Siloë, q̃
 como diz Esaias, corrẽ cõ filêcio áquella
 secreta confissam, pela qual como per di-
 uino cano correm as agoas dos mereci-
 mentos da morte & payxão de I E S V
 Christo

Esai. 8.

DA VERDADEIRA PHILO.

1. Cori. 10.

Christo nosso verdadeiro Deos, figurado, como diz S. Paulo, naquella pedra, da q̃l ferida sayo no deserto abũdancia de maravilhosas agoas: E como ẽ nos aja duas partes corpo & alma, nã basta conhecermos quanto a hũa, senão tambem quanto a outra. E deste conhecimento irey tratando, o qual he de tanta excellẽcia, que excita aos que o tem a perderem a fazenda por alcançarem a honra, porq̃ aquelles tem a gloriosa fama em muyto, que os interesses da breue vida estimam em pouco.

CAPIT. V.

Da composiçãõ humana, & do verdadeyro conhecimento della.

Qualto Deos criador do vniuerso pera que o homẽ senão ensoberbecesse, formou o do limo da terra, & pera que se não abatesse, fello á sua imagẽ & semelhança. Se se alcuantasse vaã mente, por se ver feyto á imagẽ de Deos, visse per outra parte q̃ era terra: & se lhe quebrasse o coraçãõ por se ver terra, se

se lembrasse q̄ era á imagé de Deos. Deu-
 lhe corpo corruptiu el, & commú com os
 brutos animaes, mas alma racional & im-
 mortal. Se viue segúdo a carne, he cõpa-
 rado aos brutos, se viue segúdo o espiri-
 to, he cõpanheyro dos Anjos. Destas duas
 partes corpo & alma he cõposto o homê
 com tam marauilhofo artificio, q̄ lhe cha-
 marão os sabios Gregos microcosmos, q̄
 quer dizer pequeno múdo. Dizião elles
 que o múdo era como hũ homê grande,
 & o homê hũ mundo pequeno. Isto he o
 que diz Damasceno no ij. da fe orthodo-
 xa, q̄ fez Deos o múdo pequeno no grã-
 de. Galeno fez dezasete liuros, em que
 declara o concerto das partes & propor-
 ções do homê. Fazer hũ ouriuez nũa grã-
 de pasta muyta obra, não he muyto pois
 hahi campo pera tudo: mas debuxar &
 obrar todo o mundo nũa pequena me-
 dalha, não vem se não d'alto ingenho, &
 de querer mostrar seu singular artificio:
 Digo isto porque parece, que quis o al-

Damasceno.

Galeno.

Compara-
ção.

Isto

DA VERDADEIRA PHILO.

to Deos mostrar sua grande sapiencia na fabrica & composição do homẽ, que sendo tam pequeno, fez nelle tam maravilhosa obra, que se chama outro mudo.

August.

Admirado disto S. Augustinho no liuro das confissões diz, que he mor milagre o homẽ, que quantos fazem os homẽs. He de tanta admiração o homẽ, & de tanta dignidade, q̃ nem as estrellas clarissimas, nẽ o sol mais excellente de todos os planetas, que com o resplendor de sua luz allumia o vniuerso, nem os mesmos ceos distintos & ornados & esmaltados com a fermosura & claridade de tantos lumes, mas elle sòmẽte sabemos que foy criado de Deos á sua imagem & semelhança. E não o criou Deos, senão depòys de ter pa elle criado o mundo, & por isso o não quis criar ás escuras, mas ãtes de sua criação fez a luz, pera q̃ em o homẽ abrindo os olhos visse claramente quantos beês, Deos pera elle tinha criado, & se inflammasse no amor, de quem pera elle tantas
coufas

coufas fizera. Mas nos esquecidos disto
 não temos conta com Deos, nem com a
 alma, sendo ella muyto mays excellente
 que o corpo sem comparação. O corpo
 he como baynha d'alma, & como vaso de
 barro, em que ella se recolhe. Donde Sa-
 lamã no Ecclesiastes, lhe chama talha da- Ecclesi. 12.
 goa quebradiça. E o Apostolo sam Paulo 2. Corin. 4
 na ij. aos Corinthios diz que temos o the-
 souro em vasos de barro, entédendo per
 elles os corpos. Não hia lōge disto Ana- Anaxarco
 xarco o philosopho, que sendo ferido de
 Nicocreonte tyranno de Chypre, como
 conta Plinio, dizia: Da & fire, quãto qui- Plinio.
 seres, o vaso de Anaxarco, q̃ a Anaxarco
 nunca o feriras. Tinha pera si este Philo-
 sopho, que elle era sua alma, & que o seu
 corpo era hũ vaso seu. E Marcello capi- Marcello.
 tãõ Romano queyxandose da fraqueza
 dos seus soldados dizia q̃ via corpos Ro-
 manos, que via vasos Romanos, mas que
 não via homẽs Romanos. Assi conta Põ- Pontano.
 tano na sua philosophia. Esta materia
 E tra

DA VERDADEIRA PHILO:

Platão.

tractou altamente antre os philosophos. Platão no dialogo da natureza humana chamado Alcibiades primo, onde Socrates disputando cõ Alcibiades proua p claras razões que o homẽ não he corpo, que v se d'ama racional, mas he alma racional, q̃ v sa do corpo. De maneyra q̃ vê a cõcluyr q̃ o corpo he hũ instrumento, de q̃ v sa a alma, & q̃ o homẽ he a sua mesma alma, que v sa deste instrumẽto. Verdade he q̃ o homẽ he composto de corpo & alma, que sam materia & forma, mas he a alma tanto mays excellente q̃ o corpo, que chamãõ ao homẽ alma, & ao corpo seu instrumento. E ainda que pareça que Aristoteles em hũa parte sentio o cõtrayro, com tudo no liuro segũdo de Anima veo a cõfessar que o corpo he instrumento d' alma, & no decimo das Ethicas declara marauilhosamente a excellẽcia d' alma sobre o corpo, & q̃ em fim o homẽ he a mesma sua alma. E destes authores se tomou Marco Tullio, & o deyxou escri-

Aristot.

M. Tull.

pto

pto naquelle seu elegãte liuro de Sene-
ctute, & no do sôno de Scipião. Em fim
que custumarã os antiquos philosophos
chamar almas aos homês. E dos nossos
Theologos tratou diuinamente esta ma-
teria Lactancio no liuro de opificio Dei, La&aci
& S. Augustinho no liuro xij. da Cidade August.
de Deos, & muitos outros. Mas pera que
he determe em allegar letras humanas,
poyso testificão as diuinas. Lede hum &
outro testamento, & vereys que tem por
custume, chamar almas aos homês. No
xiiij. capitulo do Genesis, onde se conta a Genes. 14.
victoria, que Abraham ouue dos reys, q̃
leuarão preso a Loth seu sobrinho com
outra muyta gente, diz a escriptura, que
pedio el Rey daquella terra a Abraham
a gẽte, & que tomasse pera si todo o mais
despojo, dizendolhe: Dame as almas, &
o al tomo pera ti. Onde ás pessoas cha- Genes. 46.
ma almas. E aos quarenta & seys capi-
tulos estão estas palauras. Todas as al-
mas, que entrarão com Iacob no Egipto,

DA VERDADEIRA PHILO.

Acto. 28.

& procederam delle, foram setenta. E S. Lucas na fim do penultimo capitulo dos Actos dos Apostolos diz affi: E desta maneyra foy feyto, pera todas as almas escaparem em terra, entendendo pelas almas os homēs, que escaparam do naufragio. E ainda a phrase Portuguesa tem este estilo como quādo dizemos: Em tal guerra captiuarāo os nossos tantas almas. Colhemos destas razões, que ainda que a alma he a forma do homem, & hũa das partes de sua composição, todauia he tãto mays excellēte que o corpo, que o homē se chama alma, & o corpo vaso & instrumento do homē. Donde se colhe claramente que quem conhece, somēte seu corpo, não conhece a si, mas couza sua, & que conhecer a si, he principalmente conhecer sua alma, & a nobreza & dignidade della, & segundatiamēte conhecer seu corpo, & sua fraqueza & miseria. A nossa alma, deyxadas as falsas opiniões dos gentios, he hũa substācia participāte de

de razão, incorporea, immortal, inuisivel, accomnodada a reger o corpo, semelhante a Deos, criada delle de nada pera os beês eternos, a qual tãa imagẽ de seu criador. E per aqui vereys quam necessario he conhecermos quem somos, porq̃ vendo a dignidade d'alma, & que somos criados pera cousas altas & celestiaes, nã nos abateremos a terreaes bayxezas: & não fazendo caso das cousas temporaes suspiraremos polas eternas, & conhecendo a miseria do corpo, nos não aleuataremos em soberba. Se nos cõfirassemos que he nossa alma imortal, buscaríamos beês immortaes: & se attentassemos que he a imagẽ de Deos, não trariamos nella debuxada a imagẽ do mundo, nẽ nos iriamos tras nossas concupiscencias. Falãdo Deos com nossa alma nos Canticos de Salamão diz: Se te ignoras a ti ó mais fermosa das molheres, sayte, & vay apos as pegadas das manadas de teus gados. Como se mays claramẽte dissera: Se te não

Cantic. x.

DA VERDADEIRA PHILO.

Conheces a ti ó alma fermosissima, affella-
 da cõ a minha imagẽ, ornada & arraya-
 da cõ minha semelhança, remida & res-
 gatada cõ meu sangue, bella & preciosa
 per natureza, sayr te has de ti, & irás apos
 teus maos pensamentos, seguindo teus
 deprauados appetites, cõparados a bru-
 tos animaes. Dõde se colhe que os effey-
 tos do desconhecimẽto, q̃ temos d'alma,
 sam apascẽtarmos nossas más cõcupiscẽ-
 cias, & seguirmos os passos das manadas
 de nossos vicios: & pelo contrairo de nos
 conhecermos procede nam peccarmos.
 Isto he o q̃ diz a escriptura aos v. capitu-
 los de Iob. (Visitans speciem tuã nõ pec-
 cabis.) Como se dissera: Queres não pec-
 car? Contempla & conhece tua alma, q̃
 he tua fermosura, ou como interpreta S.
 Anthonino: conhece tua essencia, conhe-
 ce a ti mesmo, & não peccarás. Ex aqui o
 principio da vida Christãã, per aqui co-
 meça a verdadeyra philosophia, pela cõ-
 siração & conhecimento de si mesmo,
 sem

Iob. 3.

Anthoni.

sem o qual ainda que tenhamos habili-
dade pera emendar erros alheos, carece-
mos della pera sentir os nossos.

CAPITULO VI.

¶ Em que o ermitão vay profeguindo a
materia do conhecimento de si,
& do amor, & da humil-
dade, & da cubiça.



E o homem se conhecesse
fogiria de toda a guerra &
contenda. Porque vendo
que foy criado pera con-
cordia, nã buscaria discor-
dia. Mas nos esquecidos de nos sem co-
nhecimẽto da criação de nosso primey-
ro padre, sem lembrança daquillo, pera q̃
Deos nos criou, em lugar d'amor busca-
mos odio, em lugar de paz, dissensam. A
ira nã goarda os direytos á razão, a en-
ueja desprega as velas ao desejo, o odio
traz nos tão desterrado o juyzo, q̃ nã ve-
mos o mal, q̃ fazemos anós, cõ o querer
fazer aos outros. Qual he a causa porque

DA VERDADEIRA PHILO.

criado Deos jūtamēte as estrellas, & jū-
 tamēte as plantas, & juntamēte as aués,
 & juntamente os peyxes, & juntamente
 os animaes terrestres, não quis criar os
 homēs juntamēte, mas criou logo hū só-
 mente, donde procedessem todos os ou-
 tros? Qual foy a razão disto, senão querer
 nos ensinar quanto lhe contentaua em
 nos a vñidade & concordia, & que visse-
 mos, que era a sua vōtade, que a nossa de
 todos fosse só hūa, & que todos fossemos
 hūa mesma coufa, & nos lembrasse que
 todos procediamos d'hū mesmo pay, &
 por tãto tiuessemos todos hū só coração?
 E esta he a causa, porque criou o homem
 nū & sem armas, porque como Deos he
 amor? como diz S. Ioão, quis que o homē
 que elle criara á sua imagē & semelhan-
 ça, amasse a elle sobre tudo, & ao proxi-
 mo como a si, & q̄ finalmente fosse fun-
 dido no fogo deste sancto amor. Donde
 vem que trazendo os outros animaes lo-
 go cōligo sinaes de guerra & discordia,

2. Ioan. 4.

ostouros cornos, os lobos dentes, os liões vnhas, os ouriços cacheyros espinhos, os espins fetas, & assi os outros animaes. O homé como foy criado pera paz & concordia, say nu do ventre de sua may sem nenhúas armas. Mas depouys o odio & crueldade dos homés tirou o ferro das entranhas da terra, pera tirar as de seus proximos. E assi vem os homés a desbaratar se húa aos outros, o que não seria se conhecendo o pera que foram criados, feliassem & vnissem per amor. Porque, como diz S. Cypriano, a concordia per si Cypria. junta não se pode vencer. E sam Gregorio Nazanzeno diz que a razão porque a Nazanzeno. arca de Noë se saluou no diluuiio, he por que hiam todos em amõr & concordia. Sancto Augustinho no xij. da Cidade de Augusto. Deos diz que todas as naturezas tem cõfigo húa paz. De maneyra que a guerra das creaturas não procede das naturezas, senão da corrupção das naturezas. Esta razão moueo algũs dos philosophos an-
 E v tiguos

DA VERDADEIRA PHILO.

tiguos, a dizerem que o mudo constaua
 d'amor, & q̃ elle era o principio das cou-
 sas naturaes. Em lugar, do q̃ Aristoteles
 chama priuação, punhão elles discordia,
 & em lugar de materia & forma de Ari-
 stoteles punhão elles concordia. Em fim
 que sentiam q̃ sem amor & concordia se
 não podiã as cousas naturaes gerar nem
 sustetar, & cõ odio & discordia nã podião
 permanecer. O q̃l não hia longe da ver-
 dade: porque a mesma verdade Christo
 nosso Deos diz, q̃ todo o reyno em si di-
 uiso será destruydo. Dõde se colhe q̃ nos
 he summamente necessario o amor. Mas
 este amor ha de ser ordenado, porque se
 he sem ordẽ & puertido ceganos, & em-
 pedenos o conhecimẽto de nos mesmos,
 ainda q̃ seja amor de cousas boas. Por q̃ af-
 si como hũa pasta podo senos ãte os olhos
 nos empede a vista, do q̃ está diãte della,
 tanto medá q̃ seja d'ouro como de chũ-
 bo, assi a desordenada & sobeja affeyção
 posta como pasta diante dos olhos de
 nosso

Luc. II.

Compa-
 ração.

Nosso entendimento, nos empede a vista
 de nos mesmos, quer seja d'ouro quer de
 chumbo, quero dizer, quer seja de cousas
 boas, quer de más, basta ser de prauada af
 feyçã das creaturas. E de tal maneyra nos
 cega, que quãto mays corremos pera nos
 entender, tanto menos nos entendemos
 & ainda q̃ a razão vá corrédo, não alcãça
 a opinião, q̃ lhe vay fogindo. E nisto an- Compa-
ração.
 damos, semelhantes á roda, q̃ vay corré-
 do em voltas, que quanto vay a pos si, tã-
 to vay fogindo de si, sem hũa parte alcan-
 çar a outra, por ambas correrẽ igoalmẽ-
 te. Assi q̃ de nos não conhecermos nasce
 nossa discordia. Porq̃ como de nos não
 conhecermos nasce a soberba, & da so-
 berba a discordia, bẽ se segue, que de não
 sermos de nos conhecidos procede ser-
 mos discordes, & q̃ este desconhecimen-
 to lança antre nos o pomo da discordia,
 porque como diz sam Gregorio, a rayz Gregor.
 da paz he a humildade, a qual nasce ao
 homẽ do conhecimento de si. E per aqui
 vereys

DA VERDADEIRA PHILO.

August. vereys quam necessario he ao homẽ este conhecimento, poys delle procede a cõcordia, q̃ como diz S. Augustinho no ij. da Cidade de Deos, he hũa consonancia excellente: porque assicomo a harmonia se ha na musica, assi a concordia na cidade. De maneyra que assicomo a musica ensina a concordia dasvozes assi a philosophia Christã ensina a cõcordia das võtades. E esta concordia vem per meo da humildade, a qual sam Bernardo chama cofre & receptaculo da graça nũ fermão da Annunciaçãõ: & no liuro da confiraçãõ a Eugenio papa chama a esta humildade fundamẽto das virtudes E sam Gregor. no moraes diz q̃ ella he , a que accende o lume do entendimento. E sam **Chrysoft.** Ioão Chrysoftomo sobre S. Matheus diz que he sacrificio grandissimo, em q̃ o homẽ se sacrifica ao alto Deos no fogo do diuino amor. E n'outro lugar sobre o mesmo Euãgelista diz que a humildade he amã y da mays alta philosophia. E cõ-

liste

fiste ella em quatro cousas, a primeyra he
 em desprezar a si, a segunda em não des-
 prezar ninguẽ, a terceyra em desprezar o
 mundo, a quarta em desprezar os despre-
 zos, de maneira que quando formos des-
 prezados, desprezemos não nos prezarẽ,
 & não façamos conta de a não fazerem
 de nõs. Esta he hũa grande perfeição &
 cume da humildade. Das quarenta &
 duas moradas ou pouços, que a escriptu-
 ra conta, que fizerão os filhos de Israël os
 quarẽta annos, que andarão no deserto,
 desque partirão do Egypto até chegarem
 á terra de promissão, he a quadregesima
 Almon Diblataim. Como está escripto
 aos xxxiiij. capitulos dos Numeros. E sam Num 34.
 aquellas moradas hũ degraos da escada
 do ceo, perque auemos de subir, até che-
 garmos à eterna bemaenturança, q̃ he
 a verdadeyra terra de pmissam. Primey-
 ramẽte auemos de sayr de nos, pera ser-
 mos seus, auemos de deixar de ser nossos.
 E depõys de passarmos o mar roxo, &
vencer

DA VERDADEIRA PHILO.

vencermos nossas difficuldades, viremos ás palmas, õde beberemos nas fontes das suaues agoas, viremos á vitoria de nos mesmos entendida pelas palmas, & alli beberemos do suaue contentamêto, que comigo traz o triumpho que alcãçamos de nos mesmos, vencendo nossos appetitos, & fazendoos tributarios & seruos da razão. Mas nem inda dahi embocaremos na terra prometida, antes passaremos tanto auante, q̃ chegemos a Almon diblataim, que como interpreta S. Ieronymo no tratado das mansões dos filhos de Israël, quer dizer desprezo dos opprobrios. E quando chegarmos a esta perfeição, que não sintamos nossas injurias, antes folguemos de ser desprezados, tere-mo tanto subido, que estando cõ os pés no quadregesimo degrao da gloriosa escada, estaremos ja com as mãos pegadas no ceo á fala com os santos, conuersando com os Anjos. Isto faz a humildade, que quãto mays descemos, tãto mais subimos,

Hierony.

&

& quãto mays imos embusca da bayxe-
 za pela via da humildade, tãto ella mays
 nos sublima & épina na mor altura. Affi
 como a propria sôbra foge de quẽ corre Compa-
ração.
 apos ella, & vay apos quem della foge, af-
 si a verdadeyra gloria desta vida foge a
 quẽ a busca, & busca a quẽ a foge, quer a
 quẽ a não quer, dá a quem lhe não pede,
 despedese de quẽ a tem em muito, segue
 a quẽ a tem em pouco, esquecesse de quẽ
 a traz escripta na lembrãça, & lembrarse
 de quẽ a traz riscada do liuro da memo-
 ria. Dõde diz Chrysoftomo: Despreza as Chrysoft.
 riquezas, & serás rico, despreza a gloria,
 & serás glorioso. De maneira que o edifi-
 cio da verdadeira gloria da vida está fun-
 dado nos aliceces da humildade. A ver-
 dadeyra gloria he desprezala, & não ad-
 metir os vaõs desejos daquelles, q̃ pera
 ter fama fazem muito, & pera a merecer
 nada, & com qualquer falsa honra ficã
 hũs pauões com sua roda, enleuados em
 suas vaidades, em que a fantasia reparte
 seus

DA VERDADEIRA PHILO.

seus pensamétos, tam alti uos que cuidão, que tudo se deue a seu mereciméto, sem elle deuer nada a ninguem. E não vê os enganados homês, que quando cuydão que estão mays sublimados, estão mays abatidos, & que então serião gloriosos, quando não desejassem selo, & fizessem com que o merecesssem ser: que como diz S. Augustinho, grande gloria he não ser vencido della, & estar firme & inteeyro em sofrer cõ animo forte todo o desprezo. Esta firmeza traz consigo a perfeyta humildade, a qual contentandose com pouco, alcança muyto, & desprezando as riquezas humanas, vay dar nas diuinas. Não vistes nunca nenhũ verdadeyro humilde, que fosse cobiçoso & auarêto, porque a humildade contentase com pouco, & a cobiça sempre deseja muito, & hũa está satisfeyta, outra nunca se farta, hũa não tem vontade de beber, a outra está ardendo com sede. A humildade pcede ao homê de se conhecer, a cubiça

de

August.

de se não conhecer: porq̃ conhecendo se o
 homẽ, & pôdo os olhos e si, na sua ppria
 natureza & estatura, veria quã lōge deuia
 ser da cubiça das cousas do mundo. Porq̃
 tẽdo os outros animaes a cabeça inclina-
 da paa terra, o homẽ s'omẽte atem alevã-
 tada pera o ceo. Quis Deos que nossa
 mesma estatura & composição nos signi-
 ficassem q̃ não eramos criados paa terra,
 mas pera o ceo, & que pera la auiamos
 de leuar o pensamento, pera onde ale-
 uantauamos o corpo, porque cousa he
 desproporcionada ter o rosto erguido
 ao ceo, & o pensamento caydo em terra,
 & sendo a estatura direyta, ser a consciẽ-
 cia torta. Daqui vierã os Gregos chamar
 Anthropos ao homẽ, que quer dizer cou-
 sa que contẽpla & olha pera cima. Dõde
 com razão colhe Lactãcio, que os homẽs *La stancia.*
 de rasteyros pensamentos, inclinados a
 cousas terreaes & transitorias, perdidos
 por cousas que logo se perdem, elles mes-
 mos se deserdão de seu nome, nem sam
 F dignos

DA VERDADEIRA PHILO.

dignos de ser chamados homens, nem lhe
 conuê tal appellido, poys renuncião sua
 propria natureza, deyxando as coufas al-
 tas polas bayxas, & destruyndo per obra,
 o que sam per natural cõposição. Bem q̃
 Sócrates no Cratilo de Platão andalhe
 buscando & attribuyndo outra Etymo-
 logia, mas em fim quasi vê concertar cõ
 esta. E porque nos temos a cabeça aleuã-
 tada pera cima, disse Platão que o homê
 era aruore transuersa, não fixa na terra,
 mas virada pera o ceo, porque tendo os
 ramos, que sam os pés, na terra, tẽ a rayz,
 que he a cabeça, pa o ceo, donde lhe vem
 o mantimento, & nutrimẽto, com que se
 rega & sustenta. Mas os maos & terreacs
 cõtra natureza virão a cabeça pera bay-
 xo, & põe em a terra suas rayzes, & todos
 seus fundamentos. E assicomo o tronco
 d'aruore lança as rayzes pela terra a di-
 uersas partes, assi hũ homê terreal está re-
 partido em diuersos pensamentos todos
 terreacs. E assicomo os bõslãã as rayzes

Sócrates.
 Platão.

Platão. j

Compa-
 ração.

ao ceo, assi os maos as metê pela terra, & lanção os ramos ao ar. E como os pés se-
 jã os ramos, & as cabeças os trôcos & ray-
 zes, segue-se que os maos andão cõ os pés
 pera cima, & cõ acabeça pera bayxo cõ-
 tra natureza. Isto he o que Deos quis si-
 gnificar, quando disse per Ezechiel. Filho Ezech. 2.
 do homê está sobre teus pés. Como se lhe
 dissera: Filho do homê tu que es mortal,
 subjeyto a trabalhos & miserias, está cõ
 os pés na terra, & com o pensamento no
 ceo, porq̃ desta maneyra estarás sobre os
 pés, & pelo contrayro estarás debayxo de
 teus pés pisado de ti mesmo. Olha pera
 tua natureza & composição, & verás que
 foste criado pera cima & nã pera bayxo.
 Isto veremos nos claramête, se quisermos
 cotejar o arteficio & fabrica do homê cõ
 a dos outros animaes: por q̃ todos os que
 tẽ mãos, andã com ellas pela terra, senã o
 homê q̃ astê aleuãtadas. Que outra cou-
 sa nos quis nisto significar aq̃lle alto cria-
 dor, senã q̃ os brutos animaes nã nascerã

DA VERDADEIRA PHILO.

pera possuyr senão a terra, & por isso a trazem nas mãos: mas nos como fomos criados pera possuyr o ceo, não tocamos com as mãos na terra, pera a ter & possuir, senão com os pés, pera a calcar & desprezar. Esta he a philosophia de nossa natural composição. Mas he muyto pera sentir a miseria dos mortaes, q̄ sendo a terra tão pequena, que a comparação os mathematicos a hũ ponto, se perdem por ella, & tem suas coufas por tã grandes & magnificas, que deyxã por ellas os beês eternos, querendo antes as que logo passam, que as que sempre duram deyxando as fixas polas trãitorias, as altas polas baixas, desejando antes as indignas de empregar nellas o desejo, que as que se deue summamente desejar. O cegueyra intoleravel, ó vaydade dos filhos de Adam, ó erro grandissimo, & ignorancia muyto pera chorar, & attrauessar com dor todo o piedoso coração! Como podẽ ser coufas grandes, as q̄ cabem nũ ponto? Qual
 he

he o juyzo que deyxá o ceo pola terra, alma polo corpo, o bẽ polo mal, & finalmente aquelle, que he tudo, por aquillo, que he nada? Donde nos vem isto, senão de termos p̄dido o conhecimẽto de nós, & de não acabarmos de cayr na conta de quem somos? He logo a resolução desta practica, que de nos não conhecermos vẽ não termos humildade, & de não ter humildade vem a soberba, donde procedẽ odios & cubiças, crueis discordias, & perpetuas auarezas: as quaes cousas trazem consigo hũas escuras treuas, em que a alma estã metida. Verdade he que temos o lume da fé, cõ a qual allumiados vemos muytas cousas, que nos excitã a tornarmos sobre nós & a vermos que nos não vemos, até que aparelhandonos pera a graça, & fazendo o que em nós he, Deos no la dá pela sua misericordia. E constituydos nesta graça, fazemos bõas obras, saydas da fé, esperança, & charidade, as quaes esmaltadas cõ o sangue de Christo,

DA VERDADEIRA PHILO.

& ornadas com os merecimentos de sua morte & payxão, sam meritorias dos beês eternos. Mas tristes daquelles, que senão querem dispor & aparelhar pera a graça, mas estãdo ás escuras viuem tão longe de si, que nem entrão ainda, nê sômête pelo arrebalde do conhecimêto de si, & nê com elle, atinão, nem querê atinar, E por oshomês nã terem de si este conhecimêto, o perderã de Deos, & metidos na escura noyte da infeldade deyxarão o culto do criador, & vierão adorar as creaturas, & a ter por deoses paos, & pedras, & serpentes, até virem a tanto de satino, q̄ edificarão templo á injuria & desenuergonhamêto, como a cousas diuinas, como o conta Cicero no seu ij. liuro das leys. E estando o mūdo feyto hū labyrintho de incõportauers erros, falsas, & diabolicas opiniões, auendo Deos misericordia do homê, q̄ criara, mādou seu filho vnigenito Christo nosso Deos, pera nos saluar. Veo o bom I E S V S, aquelle esplendor

Cicero.

dor da gloria, como lhe chama sam Paulo ^{Hebr. 1,}
 lo, & figura de sua substancia, veo a-
 quella verdade sempiterna, veo aq-
 uella verdadeyra vida, quella sapiencia sem
 fim, aquella bondade immensa, aquelle
 lume do lume, aquelle verbo diuino nos-
 so summo bem, & tomada nossa huma-
 nidade cõuerfou com nosco pera nos en-
 sinar, & mostrar o caminho da eterna bẽ
 aueturãça, & allumiar nosso entẽdimẽto.
 Porq̃ nas cousas sobrenaturaes sem o lu-
 me diuino estã cego o ingenho humano.

CAPITULO VII.

¶ Em que o ermitão profegue a materia da
 encarnação de Christo, & sua morçe,
 & do desprezo do mundo.



Glorioso Dionysio Areopagita, ^{Dionysio}
 discipulo q̃ foy do diuino Pau-
 lo, diz que o bem he diffusiuo &
 communicatiuo de si mesmo. E com isto
 concertã todos os Philosophos & Theo-
 logos. Donde se o bem for summo, sum-
 mamẽte serã diffusiuo & cõmunicatiuo.

DA VERDADEIRA PHILO.

E como Deos he summo bem, summamente se auia de diffundir & communicar. Poys como podia Deos mays summamente communicarse com nosco, q̄ fazer se homẽ como nos, tomar nossa natureza, & cõuerfar cõ nosco? E assi era cõueniẽte a Deos, poys era cõueniẽte segũdo a razã de sua ppria natureza. Porq̄ como a natureza de Deos, he a essencia da bõdade, como o affirma o diuino Dionysio, segue se q̄ o q̄ ptẽce á razã do bẽ cõuenha a Deos, & á razã do bem pertence communicarse, & á do summo bem cõmunicarse summamente, logo foy conueniente a Deos ajuntar a si a natureza criada, & fazer se homẽ, pera se summamente communicar aos homẽs. Quanto mays q̄ he cõuenientissimo, que pelas cousas visiuẽys se mostrem as inuisiuẽys de Deos. E por isto foy criado o mundo, como espelho das cousas inuisiuẽys, como diz o glorioso Paulo no j. capitulo da Epistola aos Romanos. E poys pelo mysterio

Dionysio.

Roma. v.

sterio da encarnação, como diz S. Ioão Damasceno, se mostrão as cousas inuisi- Damascē,
 ueys de Deos, seguese que foy cõuenien-
 tissima, poys nos mostrou a bondade de
 Deos, & a sua sapiencia, & potencia, & ju-
 stiça. A bondade porque não desprezou
 a enfermidade da sua propria creatura.
 Em q̄ podia Deos mays mostrar sua bon-
 dade, que em se fazer homē por salvar o
 homē, & receber morte por lhe dar a vi-
 da: Mostrou sua sapiencia no modo ex-
 cellentissimo, que achou pera nos salvar,
 ensinãdonos per palauras & obras, quã-
 to lhe deuiamos, pera q̄ empregassemos
 em suas cousas o cabedal de nossas obri-
 gações. Mostrou sua potencia em nos li-
 urar do poder do demonio. E mostrou
 sua justiça, porq̄ nos nã quis liurar p̄ for-
 ça, mas per direyto, pagando por nos, to-
 mando nossos peccados sobre si, sacrifi-
 cando se por nossas culpas, & tirando da
 mão do tyranno o homē pelo homē. E
 assi diz S. Paulo no terceyro capitulo da Roma. 3.

DA VERDADEIRA PHILO.

Epistola aos Romanos, que padecco Christo por nos, pera mostrar sua justiça, por q̃o padre celestial quis castigar nossos peccados em seu proprio filho. Dó de elle diz per Esaias: Pola maldade do meu pouo offerí. E o mesmo Propheta diz falãdo de Christo: Verdadeyramête elle soffreo nossas enfermidades, & tomou sobre si nossos trabalhos. Donde o mesmo Christo num Psalmo chama aos nossos peccados seus, porq̃ os tomou ás costas pera padecer por elles, pera que com sua morte nos abrisse o caminho da eterna vida. O q̃ estaua traçado, figurado, & prophetizado no testamêto velho, sombra & figura desbastada do nouo em tantos lugares, q̃ que relos agora todos allegar, seria couza quasi infinita: mas tocarey sómente algũs como de passajem. No anno q̃ o nouo pouo entrou na terra de promissão, morreo Aaron summo sacerdote no monte Hor, como está escripto aos xx. ca. dos Numeros. Dizer a escriptu-

Efai. 53.

Rfri. 53.

Pfal. 21.

Num. 20.

ra q̄ pera os filhos de Israél entrarem na terra de pmissão, auia primeyro de morrer o summo sacerdote, & q̄ morreo natura d'hũ môte, & nã em valle, nã carece de mysterio. Que summo sacerdote he este senão Christo nosso Redéptor? que se offereceo por nos no altar da Cruz, & entrou per seu proprio sangue no sc̄tã sanctorũ, que he o ceo, cõforme ao q̄ estaua figurado no summo sacerdote do velho testamẽto, como p̄ muytas & sentêcias palauras vay declarãdo o Apostolo S. Paulo na Epistola aos Hebreos. Quemõ te he este, em cujo cume morreo o sũmo sacerdote, senão o môte Caluario, onde expirou o dador da vida, pera q̄ alli, onde acabauã seus trabalhos, começassem nos sos descãfos. Quis nos nisto a escriptura significar, que auia de morrer o summo sacerdote Christo nosso Deos no monte Caluario, pa o nouo pouo, pera os filhos de Israél segũdo o spicito, q̄ sam os Christãos, entrarẽ na q̄lla verdadeira terra de promif

Figura.

Heb. 6.7.8

DA VERDADEIRA PHILO.

promissam, q̄ he a vida eterna. Recebeo ali morte, pa nos dar aqui a vida da graça, & depoy a da gloria. Sêdo viuo quis receber a morte, pera q̄ nos, que eramos mortos, viuessemos. O que muito tempo auia que estaua no Propheta Eliseu figurado. Contam as diuinas letras no iiii. liuro dos Reys, que estãdo hũs homẽs enterrando hu morto, virão vir ladrões, & que fugirão lançando o corpo morto no sepulchro do Propheta Eliseu, que alli estaua enterrado. E tanto que o morto tocou nos ossos do sancto Eliseu, ficou viuo, & aleuantouse sobre seus pês. Quê he este morto, senã o homẽ, que está em peccado mortal? Este era o genero humano cõtaminado de vicios. Quem sam estes, que o enterrão senã seus dãnados appetites? Estes o sepultã, & o deyxão em poder dos ladrões, q̄ sam o diabo, o mũdo, & a carne. Mas aquelle celestial Eliseu Christo nosso Deos com sua morte o resuscita, morto dá vida, & sepultado

obra

obra nossa resurreyção. Todos fomos mortos, se elle nos não dera a vida com sua morte. Este he o cordeyro morto no Exod. 12. Egypto, cujo sãgue liurou os Hebreos: & a serpente de metal crucificada no deserto, Num 21. pera a qual os Israelitas feridos aleuãtauão os olhos pera sãrarem, da qual disse Moyses no Deuteronomio: E serã tua Deuter. 28 vida dependurada ante ti. E Esaias diz. Foy offerecido á morte, porque elle quis Esai 53. E o mesmo Christo per Jeremias: Eu sou Jerem. 11. o cordeyro manso leuado á morte. Isto he opera que Deos se fez homẽ, pera morrer por nos. E assi lhe chama Esaias no capit. Esai. 9. ix. Deos & homẽ. Porque depouys de dizer que auia de nascer, & ser minimo, & verdadeiro homẽ, diz q̃ o seu nome he Deos. E no capitulo xl. disse, que Deos auia de Esai. 40. vir ao mundo. E o Psalmista diz falando de Sião: O homẽ nasceo em ella, & elle, Psal. 86. que he o altissimo a fundou, Como se differa: Christo ẽ quãto Deos fez a terra de Sião, & elle mesmo em quanto homẽ nasceo

DA VERDADEIRA PHILO.

Baruc. 3.

nasceo em ella. E o Propheta Baruc falãdo bem claro de Chão verdadeyro Deos, depoyz de muytas palauras diz no terceyro capitulo estas. Depoyz destas coufas foy visto na terra, & conuerfou cõ os homẽs. Vfa do preterito polo futuro, pera significar a certeza da prophecia, como he custume dos prophetas. E pera q o resplendor de Deos não cegasse os fracos olhos dos homẽs, como quando saindo de lugar obscuro, nos ferẽ de improuiso os claros rayos do sol, mandou diante hũa lucerna, que foy S. Ioão Baptista, ao qual os Iudeos, vẽdo que era vindo o tempo da vinda do Mexias, quizerão dar o mexiadego, polo tirar a Christo. Que este he o custume do mũdo, fazer homẽs pera desfazer homẽs, & aleuantar hũs pera abater os outros. Dos nossos Portugueses se escreue nas Chronicas do descobrimento & conquista da India que no cerco de Goa, sendo gouernador aq̃lle inuẽciuel & espãtofo capitão Afonso de Albo

Alboquerq̃, cõ hũ tiro de artelharia chamado espera, quebrará outro dos ímigos chamado camelo. Os nossos fizeram hũa espa pa desfazer hũ camelo, & os Iudeus queriã fazer hũ camelo, pa desfazer hũa espera. Quê he o camelo senã S. Ioão vestido de pelos de camelo, & quê he a espa senã Chõo nosso Deos, nossa verdadeyra esperãça? Chõo he o verbo de Deos, & S. Ioão a sua voz, como delle tinha escripto Esaias aos xl. capit. como o interpretã todos os Euãgelistas. Mas esta voz matou a injustamẽte Herodes, como cõta copiosamẽte o Euãgelho. E por esta causa alẽ das outras nã quis Chõo respõder à Herodes, q̃ lhe pergũtou muytas cousas, como cõta S. Lucas aos xxiiij. c. da sua historia Euãgelica. Porq̃ como auia Chõo de respõder aquê lhe tinha morta a voz? Mas ainda que se calou em casa de Herodes, falou na Cruz. Não falou onde lhe hia a vida, & falou onde hia nossa saluaçam, porque a isso veo ao mũdo a morrer por

nos

Esai. 40.

Matt. 14.

Marc. 6.

Luc. 23.

DA VERDADEIRA PHILO.

nos salvar. O amor o trouxe do ceo á terra, & de immortal o fez mortal. Em q̄ podia Deos mays mostrar a fineza, lustro, & alto cume do amor, com que nos amaua, que em morrer por nos resgatar do triste captiueyro de Satanas, pondo no banco da Cruz seu precioso sangue em preço de nosso resgate? Alli padeceo por nos antre dous malfeytores, como o tinha prophetizado Esaias dizendo: E cõ os maos será deputado. Num destes ladrões mostrou Christo sua justiça, n'outro sua misericordia: hũ nos cõuida a temor, outro a esperança. Em ambos temos exemplo, no perdido em se perder pera nos salvarmos, & no saluo em se salvar pa
 nos não perdermos. Que cousa foy estar o bõ Ioseph preso no Egypto antre dous Egypcianos, hũ dos quaes foy liure, outro cõdênado, senão estar o bom Iesu encruado na Cruz antre dous ladrões, hũ dos quaes foy saluo, outro pdido? Antrelles estaua aquelle diuino pelicano mantendonos

Esai. 53.

Genel 40.

Figura.

donos cõ o sangue de suas chagas. Que merce se podia mayor imaginar? Qual he o homẽ que se esquece de tão immensa misericordia? Qual he o coração que se não derrete na fragoa do diuino amor? Que tempo ha no mundo, que tribulação, que prosperidade, q̃ lembrança, que esquecimento, que possa tirar de nossa alma a memoria de tão pafmoso amor, & tão alto beneficio? Que sam isto senão effeytos d'hũ amor, que he Deos, & d'hũ Deos, que he amor? Não podiã tão altos beneficios ser senã daquelle alto Senhor, que he charidade increada & sempiterna. Em quanto Deos não podia morrer, & por isso se fez homẽ, pera que sendo Deos & homẽ, em quanto homẽ padecesse, & em quanto Deos nos saluasse. E assi sam duas naturezas diuina & humana, mas hũ só supposto, hũa só pessoa, hũ só Christo nosso Deos. Isto não entendeu Platão, isto ignorou Aristoteles com todos aquelles, que carecendo do lume da

DA VERDADEIRA PHILO.

Esai 33.

1. Corin. 1.

1. Corin. 2.

fé, leuauão a falsa sabedoria por guia, da qual diz Deos pelo Propheta, como o interpreta S. Paulo escreuêdo aos Corinthios: Eu destruyrey a sapiência dos sabios, & reprobarey a prudencia dos prudêtes. A verdadeyra sapiencia destrue a falsa. Christo he a sapiencia verdadeyra, de q̄ diz S. Paulo: Falamos a sapiência de Deos em mysterio escõdida. Que cousa foy o nascimêto de Christo, & sua morte, & todo o discurso de sua vida, senã hũa repro-uaçã da falsa sabedoria do mûdo? O mûdo põe bêauêturança em riqueza, Chro em pobreza: o mundo em alegrias, Christo em lagrymas: o mûdo em vingar injurias, Christo em sofielas: o mûdo em pãpa, Christo em humildade: & finalmête o mundo em suas proprias cousas, & Christo no desprezo dellas. Bemauenturado he aquele que conhecido o engano & vaydade do mûdo foge delle, & se abraça com Christo. Que tem o mundo pera dar senão palhas? E ainda estas muytas
vezes

vezestira, semelhante a Pharao, q̄ daua
 palhas aos Israëlitas, & em fim tiroulhas.
 Serue hũ homẽ muytos annos a hũ Rey, Exod. 5
 & per derradeyro mãda o ir ganhar hũa
 comenda: de maneira q̄ lhe paga seus tra-
 balhos com trabalhos. E ainda q̄ algũs se-
 jão fauorecidos & priuados, & alcancem
 dos principes grãdes merces, sam tão pou-
 cos, q̄ se pode a corte em algũa maneyra
 comparar com a probatica piscina, de q̄
 fala S. Ioão, onde entrauão muytos, mas Ioan 5
 so hũ auia o q̄ desejava. Quanto mays q̄
 quẽ hahi, q̄ aja das cousas do mundo quã-
 tas deseja? Só Deos nos enche & satisfaz:
 Elle he nosso summo bẽ, & fartura de nos-
 sos desejos. Duas figuras hũa redõda ou- Comp-
raçãõ.
 tra pyramidal não quadrão, & metida a
 redonda na pyramidal não a enche, por
 que ficam vazios os cantos: & como o
 mundo seja redondo, & o nosso coração
 pyramidal, he impossivel que o mundo
 lhe quadre, & o encha, & satisfaça.
 Hum triangulo enche outro triangulo.

DA VERDADEIRA PHILO.

A nossa alma sendo hũa tem tres potencias, entendimento, vontade, & memoria, a maneyra de triangulo, & por isso nã se pode quietar & satisfazer na circũferẽcia da esphera mundana, mas no triãgulo da Trindade diuina, que sendo hũ só Deos em essencia, he trino em pessoas, Padre, Filho, & Espirito sancto. Quereys ver isto? Daud hũ pobre pastor veo a ser Rey, & grande senhor: & nem isto pode fartar sua alma: antes dizia nũ Psalmo: Entãõ Senhor me fartarey, quando apparecer a vossa gloria. Como se differa: He verdade Senhor que foy tempo, em que eu andando pastorando gado não tinha mays que hũa çamarra, & hũ cajado, & çurrão, & que vos me fizestes Rey: d'hũ dos mays ricos & excellẽtes reynos do mundo: mas nada disto me quietã nẽ farta, porque como fuy criado pera vos, sempre ferey inquieto até que repouse em vos: entãõ Senhor ferey farto, & satisfeyto, quando gozar de vos na eterna
bem

bemaventurança. Quando hũa cera está
 assellada com hũ sello, com nenhũ outro
 apodem tornar a assellar, que quadre cõ
 o primeyro. Se nossa alma he á imagẽ de
 Deos, se está assellada com o sello diuino,
 como lhe pode armar o sello mundano?
 Donde diz S. Bernardo que bem se po- Bernardo.
 de a alma racional cõ muytas cousas oc-
 cupar, mas não encher, porque como he
 capaz de Deos, tudo o que não he Deos,
 dado que pareça muito, pera a encher he
 pouco. Pera que he logo occupar o dese-
 jo em cousas, que o nã podem satisfazer,
 ainda que duren muytos annos, & até a
 morte? Quanto mays que quantos vistes
 vos, que viuessẽ em prosperidade muy-
 to tempo? Antes vi eu ja muytos criados
 á sombra de grandes esperanças, q̃ estan-
 do sublimados no cume das honras do
 mundo, forão abatidos em dous dias, &
 tão destruydos, que nem ainda deyxarão
 final de sua passada prosperidade. Cria- Compa-
raçõ.
 dos de principes sam tentos de contar.

DA VERDADEIRA PHILO.

Compa-
ração.

Está hū homē a hūa mesa com contos lã-
çando cōta, & sendo todos os tētos d'hū
mesmo metal, & a'nus mesmos cunhos &
cruzes, hūs valē mil, outros cento, outros
dez, outros hū: mas desfeyta a conta, jun-
tos todos os tētos nū monte, torna a cō-
tar, & acertase q̄ os que dātes estauão por
mil, estāo agora por hū, & os que estauão
por hū, este in por mil, por ser assi a vanta-
de do contador. Os priuados dos princi-
pes q̄ estāo no contos dos mil, não se em-
tõberbeção, & os q̄ estāo no conto de hu,
não deselperē, porque pode desmāchar-
se essa conta, & baralhados os contos fa-
zerse outra, em que os tentos se mudem.
Não façamos conta da que faz de nos o
mūdo, mas da que auemos a Deos de dar
de nosla vida. Honras humanas sã jogos
de mininos, fazem hū Rey, que dura, em
quanto o jogo dura, & elle acabado arre-
pelāno. Mas isto não querē entender os
filhos da vaydade: antes logo no prīcipio
de sua vida põe os olhos na falsa ferra-
tura

Compa-
ração.

fura do mundo, & affeyção se a elle, indo este amor criando tão fundas rayzes em seu peyto, que depòys não se podem senão com grãde força arrancar. Mas taes hahi que folgão cõ ellas, inda que veção o dãnno, que lhe fazẽ: conhecem seu mal, mas não pera lho quererẽ. Donde vem que alongãdo se da vida, que he Deos, dizem, que he necessario seruir ao mundo pera buscar vida, & deyxado o arrayal de Christo, desempurada a sua bandeyra, q̃ he a Cruz, vão se ganhar soldo no campo do demonio, sem verẽ os tristes, que onde cuydão que ganhão se perdem, até perderem a conta de si. E assi infuna los naquellas enganofas esperanças gastão seu tempo, andãdo a mòr parte delle sem a saberem de si: & quanto mays seruem, tanto pior lhe pagão, quãto mays no mũdo cõfião, tanto se achão mays desconfiados, & quanto mays cuydani que ganhã tanto mays se perdem, & cuydando que buscão vida, fogem da vida, & sem

DA VERDADEIRA PHILO.

faberem o que fazem, vão com os olhos fechados dar comfigo em casa da morte. E pera nos tirar deste enleo, & dar o defengano de nossos enganos, veo o filho de Deos do ceo á terra, fazendo tanto por nos, que morreo por nos, ensinandonos o que auiamos de fazer por elle, pera q̄ abertos & allumiados os olhos de nosso entendimento deyxassemos o mundo, & polo seguirmos a elle deixassemos a nos, & em lugar de nosavontade poseessemos a sua, porque tanto se acrescenta na virtude, quanto se tira da propria vontade.

CAPIT. VIII. E FINAL.

Em que o ermitão prosseguindo sua pratica mostra como auemos de ieruir a Christo, & fazer guerra ao mundo, & vltimamente declara em que consiste a verdadeyra philosophia.



Epouys que o ermitão acabado isto cobrou alento disse: Não vos pareça que corto o fio á pratica, antes vos quero mos-

mostrar o engano destes, que vos agora
 dizia, que dizem que deyxão Christo por
 buscar vida: pera que visto seu erro con-
 clua, & dé fim a esta questão. Christo he a
 vida, como elle diz per S. Ioão, & o dia-^{Ioan. 14.}
 bo he a morte, como lhe chama o mesmo
 S. Ioão no Apocalypse, & Christo diz ^{Apocal. 6.}
 delle que he homicida desde principio.
 Poys homẽ enganado como buscas vida, ^{Ioan. 8.}
 se deyxas a Christo, que he vida, & te vas
 ao diabo, que he a morte? Se o diabo he
 matador, se he homicida, se dá a morte, se
 he a morte, como acharás a vida em casa
 da morte? Busco vida. Qual vida, se tu
 deyxas a vida? Isso não he vida, mas mor-
 te. Como homẽ que vay correndo pera o <sup>Compara-
ção.</sup>
 norte em busca da cousa, que fica ao sul,
 quanto mays cuyda que chega a ella, tã-
 to mays se alonga della, assi tu quanto
 mays buscas vida, tanto mays te apartas
 della: vás norte sul da vida. Dizes q̃ que-
 res viuer. Como podes viuer sem vida?
 Christo he a vida, & tu pa a chares a vida,

DA VERDADEIRA PHILO.

foges da vida. O engano grandissimo, ó
 defatino intoleravel! Busca o q̄ buscas,
 mas não hai, onde o buscas: Busca a vida
 em Christo, q̄ he a mesma vida. Mas di-
 zes q̄ he necessario viuer cõforme ao cu-
 stume & regra do mundo, & que també
 se saluão os que conforme a elle viuem,
 & esta he a discrição do mundo. O igno-
 rante discrição, ó falsa philosophia mûda
 na, ó estulticia chamada falsamēte pru-
 dencia: Que sam isso senão enganos do
 demonio, & aflouios daquella antigua
 serpente, q̄ com enganos derribou Eua
 nossa primeyra madre? Antes te digo que
 totalmēte te perderás, se tomares a regra
 do mûdo: Escrip̄to está no velho testamē-
 to q̄ vindo os filhos de Israel do Egypto
 destruyrão a Cidade de Ierichó, q̄ estaua
 diante tolhēdolhe a entrada, & mãdan-
 do Iosué capitão dos Israélitas q̄ ninguē
 tomasse cousa algũa da cidade, mas q̄ to-
 da fosse destruyda, não faltou quē que-
 brasse este preceyto, porq̄ Acham filho de
 Carmi

Iosué. 6.

Figura.

Carmi tomou hũa regra d'ouro de Jericho, pelo qual peccado o exercito dos Israélitas pdeu a victoria, & ficou alli vécido nũa batalha. E sabida a causa foy o Achã morto & apedrejado p mādado de Iosué. Mandou Iosué ao sol, que estivesse Iosué 10. quedo, & esteue quedo, & cõ o sol obedecer a Iosué, alcãçou elle pteita victoria de seus ãmigos, & mādou á cubiça q̄ estivesse queda, & ella não quis senão ir por diãte, por onde elle perdeo a victoria. O sol insensuel obedecco ao bom Iosué, & esteue quedo grande espaço sem se bolir no meo do ceo, & a cubiça dos homẽs nã obedecco. As creaturas insensueys obedecem ao bom I E S V, & os homẽs racionais nã lhe querẽ obedecer. Qual he o coração q̄ cuydãdo nisto se nã desfaz em lagrymas, saluo se he mays seco q̄ os mōtes de Gaboẽ! Quantas cousas auia q̄ dizer sobre isto! Mas passo auante onde me chama o proposito: Não podião os filhos de Israël possuyr a terra de pmissã
sem

DA VERDADEIRA PHILO.

sem destruyrem Ierichò, nem se auia de saluar, quem tomasse a sua regra. Marauilhosa figura he esta, & dina de a trazer-mos impressa em nossas almas. Iosué era figura de Christo não somente no nome, mas nas obras, como diz o glorioso Ieronymo nua Epistola á Paulino. Porq̃ assi como Moyses não pode meter os filhos de Israel em terra de promissam, & foy necessario vir Iosué, que os lá metesse, assi a ley velha per si não leuaua a ninguê á eterna bemauenturança, & era necessario acabar-se ella, & vir o verdadeyro Iosué Christo nosso Salvador, que nos leuasse á gloria, que he a verdadeyra terra de promissam. Mas põe-se nos diante Ierichò, & tolhenos a entrada: & por isso pa podermos entrar na celestial patria auemos de fazer guerra a Iericho, & vencer-molo, sem delle querermos nada. Quem he este Ierichò senão o mundo? Ierichò quer dizer lûa, com a qual o mundo he comparado. Porque assicomo a lûa hora he

Hicrony.

Compara-
ção.

he chea, hora mingoada, hora esclarece,
 hora se eclipfa, assi o mudo tem suas en-
 chentes & vazantes, nunca está num ser,
 nunca tem firmeza nem constancia. Aos
 que hoje empina & exalça, a manhaã der-
 riba & abate. He logo necessario fazer-
 mos guerra ao mundo, & derribarmolo,
 que elle he, o que se nos attraessa diante,
 pera nos empedir a passagem pera a cele-
 stial Ierusalem. Mas que quis significar a
 sancta escriptura em dizer que mandara
 Iosué matar a Acham, porque tomara a
 regra de Ierichò, senão declararnos que
 manda Deos, q̄ moura, & seja sepultado
 no inferno pera sempre, quem goardar a
 regra & custume do mundo? Liure nos
 Deos da regra de Ierichó, que ainda que
 seja d'outro, basta ser de Ierichó. Quero
 dizer, que ainda que nos a esperança do
 mundo afague com doces enganos, & li-
 songeyros pensamentos, prometêdonos
 grandes riquezas & prosperidades, se vsar-
 mos da regra & deprauado custume do
 mundo

DA VERDADEIRA PHILO.

mundo cõtra o preceito do bom I E S V
 nosse verdadeyro capitão, q̃ não lance-
 mos mão de taes promessas, porque nos
 perderemos, se nos cõformarmos com o
 mudo. Olhay o q̃ diz S. Paulo na Episto-
 la aos Romanos: ¶ Nolite cõformari huic
 seculo, sed reformamini in nouitate sen-
 sus vestri. Como se disse: Fogí da regra
 de Jerichó, não sigays o mundo, não vos
 queyrais cõformar cõ elle, deyxay seu de-
 prauado custume, reformayuos na noui-
 dade de vosso espirito, segui a regra de
 Christo, & deyxay a do mundo, que ain-
 da que vos pareça d'ouro, em fim he do
 mundo. Vigiay, & viuey sobre auiso, não
 vos engane Jericho. En'outra parte diz:

Roma 12.

1. Theſſal. 5

Não durmamos affi como os outros, mas
 vigiemos. Como se dissera: Nã permane-
 çamos no somno do descuydo, não nos
 deixemos ir onde nos leuar o mudo, não
 siguamos os que o seguem, q̃ effes cuydã-
 do que vigião dormê no somno do pecca-
 do: mas vigiemos, que temoso mudo, por

ímigo

ímigo, & he necessario por lhe cerco, &
 derribar estes muros de Iericho. Esta he a
 exposiçã da figura, esta he a verdade, esta
 he a doutrina do glorioso Apostolo, em
 que nos ensina q̄ obedecemos ao verda-
 deyro Iosué, ao verdadeyro Salvador Ie-
 su Ch̄ro nosso Deos, & q̄ fuçamos dos en-
 ganos, regras, & vaydades do mūdo, & q̄
 vigiemos & não durmamos. Porq̄ assico-
 mo dormindo Adã foy feyta Eua, q̄o ex-
 citou a peccar, assi dormido nos no s̄no
 do descuido se está criando nossa sensua-
 lidade, a qual nos está pondo diante dos
 olhos o pomo defeso, dizēdo q̄ comamos,
 & sigamos ao mundo sem ter conta com
 Deos. E logo no principio da idade nos
 começa d'enganar em tempo, q̄ as falsas
 & pestíferas esperanças ainda muito ao lō-
 ge se començaõ de vrdir, sem nunca may-
 deyxarem de nos cōbater. Mas he nec-
 sario resistir lhe com animo fortissimo, &
 vigiar cō grande cautela, desprezando o
 mundo com suas vaydades, & seguindo
 a Chri

Genes. 2.
 Genes. 3.

DA VERDADEIRA PHILO.

a Christo nosso redemptor. E assi armados com a fé catholica da sancta madre igreja Romana, & ornados da esperança & charidade, auemos de resistir aos inimigos d'alma, & cumprir os mandamentos de Deos, & da igreja, & as obras de misericordia, & abraçarmonos com a humildade, & lançar mão dos conselhos Evangelicos, & abater a sensualidade, & fazer que a razão tenha firme jurdição sobre o appetite, & finalmente saber ganhar a vida eterna. E pera isto he necessario a cada hũ de nos não somente ter cõta com siigo, mas com os proximos aconselhandoos, & ensinandoos o que não sabem, quando compre. Mas de tal maneyra auemos d'ensinar que nossas obras nam discrepem de nossas palavras: Porque então dizemos que está o relógio certo de todo, quando não somente dá as horas certas a seu tempo, não discrepando do sol, mas a mão, que as mostra, as aponta sem errar, & anda conforme ao compasso

Compara-
ção.

passo do relogio & do sol. As horas sam
 as palauras, & doutrina, & bons cõselhos,
 que hão de ser governados pelo sol da
 justiça Christo nosso Deos, a mão he a
 operação, que mostra a doutrina: porque
 as obras hão de ser do mesmo metal das
 palauras. Pera que não sejamos como os *Compa-
 ração.*
 carpéteyros & calafates da arca de Noë,
 que fizeram a nao onde os outros escapaf
 sem, & elles não entrarão nella, & pderão
 se no diluuió. Não se deue chamar philo-
 sophia, a que ensina, que dãdo aos ou-
 tros a doutrina bõa, fiquemos nos com a
 vida má, semelhãtes á peneyra que dey-
 ta fora a bõa farinha, & fica com o farelo. *Compa-
 ração.*
 Mas a verdadeyra philosophia é sina ser a
 vida, que fizermos, conforme á bõa dou-
 trina, q̄ ensinarmos. Esta he a vida Chri-
 staã, esta he a propria sabedoria, esta he a
 verdadeyra philosophia, que não cõsiste,
 como vos dizieys, em conhecer muytas
 cousas, porque a fim della mays he fazer
 que saber, mays he amar que disputar.

DA VERDADEIRA PHILO.

August.

Donde diz S. Augustinho, no nono da Cidade de Deos, que o verdadeyro philosophar he amar a Deos. Mas consiste a verdadeyra philosophia e nos conhecermos a nos mesmos, & dahi sobirmos ao conhecimento de Deos, & amalo summamete com todo coração, com toda alma, & com todas as forças, & darmonos a elle, & fazermos lhe hũa total entrega de nos mesmos, amando sobre tudo a elle, & ao proximo como a nospor elle. E consiste em cuydarmos na sua morte & payxã, & nos mysterios da redempção humana, & em nos abraçarmos de tão feruente amor de Christo, que não estimemos por amor de le, a vida, nem a morte, nẽ cousa nenhũa do mundo. E com estas asas de amor auemos de trabalhar de sobir aos altos ceos, leuados no ardentẽ carro de Elias, inflamados naquellas suaves & bemauenturadas chamas do glorioso fogo do alto amor diuino: de maneyra que estando inda na terra com o corpo, estemas no

ceo

ceo com pensamento, conuersando com
 os Anjos, vnidos com Deos, & feytos hũ
 espirito com elle, onde separados da escu
 ra noyte das coufas terreaes, allumiados
 com o resplendor da luz de Deos contẽ
 plemos a diuina fermosura. Isto he o em
 que consiste a verdadeyra philosophia: q̃
 em fim bẽ assomado tudo, consiste nũ fer
 uentissimo & sapientissimo amor. Muy
 tos a mão a Deos com hũ amor tão tibio,
 que quasi parece que o não amam. Os q̃
 não passam além deste amor nadão inda
 cõ cortiça á borda d'agoa, sem se meterẽ
 no pego alto: & não se podẽ chamar de to
 do p̃feytos na philosophia Christaã: mas
 sam como auezinhas nouas, ainda não
 bem cubertas de todas as suas pẽnas, que
 ainda que comecem de sacudir as aas, &
 voar algum tanto, todauia nam se apar
 ção tão inda longe do ninho, nem se lan
 çao ar aberto, nẽ ousam ainda de attraues
 sar as alturas indo ferindo os ventos cõ a
 força de suas aas. Mas os perfeytos nesta

Compa.
 ração.

DA VERDADEIRA PHILO.

philosophia alheos de si & transportados em Christo, de tal maneyra estão cõ elle liados & vnidos com os suaues liames do amor, que nem ha tormêto nem alegria, fome nem fartura, vida nem morte, ceo nem terra, grandes alturas nem profundos abyssos, que os possam da charidade de Christo apartar. Os que passam per esta portella chegã ao alto cume da excellente philosophia, donde vem lá no fundo do monte os apaulados brejos, & perigosas varzeas do mundo, tão tristes & carregadas ao entendimento do sbõs, que vê seus males, como alegres & apraziueys ao sentido dos maos, que não caê na conta de seus enganõs. Isto he o que se me offereceo nesta materia, em que sey, que auia muyto mays q̃ dizer. Mas porq̃ o piloto, depõys de cansado da longa nauegação, achando lugar opportuno lança ancora pera descansar, assi eu cãfado da longa pratica quero lançar ancora á lingua, & amainar as velas de minhas palauras

Compara-
ção.

uras, que bem sey, que não responderam à grandeza & preciosidade da materia. Vos padre, disse o Philosopho, prouastes muyto bem tudo, o que propusestes, & declarastes copiosamente a questão. E certo que folguey de vos ver tão visto affi nas letras humanas, como diuinas. Eu me dou por vencido, & folgo de o ser de vos, que parece que nascestes pera nunca o ferdes de ninguẽ. Mas a falar verdade cõ vosco, ainda me não encheistes as medidas, porque vfastes d'algũas palauras nã admitidas dos bons ouuidos. Que eu ainda que professo philosophia, não a tenho por bõa, senão he acompanhada de bõa eloquẽcia: & antes queria bõas palauras sem sentenças, que sentenças sem bõas palauras. E as palauras pera bõas não hão de ser muyto antiguas, ca como diz Phauorino, & refereo Bartolameu a Chasseneo na prefação do catalogo da gloria do mudo: a lingoagẽ ha de ser de vocabulos presentes, & a vida de costumes an-

Phauori.
Chasseneo

DA VERDADEIRA PHILO.

tiguos. As palauras, respondeo o ermitão sem sentenças sam corpos sem almas. E ainda q̃ hahi sentēças sem boas palauras, nam se podē chamar boas palauras as q̃ sam sem sentēças. Eu como ando remoto da corte, nã he muito vsar de palauras toscas. E quãto he nisto não seme deue pòr tacha, se me acharē algũas. Mas assi como quē ha sede, primeyro bebe, & depòys cõtempla a galanteria & artificio do vaso, assi tenho pera mĩ, q̃ todo o homem deseioso de doutrina, primeyro a ha de gostar, & depòys attētar, se quiser, pa o artificio da lingoagē. Antes, disse o compa-
nheyro, estou padre palmado da elegancia de vosso estylo. Nã cuydey q̃ nũ ermitao ouuelle tanta eloquēcia. Mas em fim assicomo os Hebreos deyxando o Egypto trouxerã cõsigo as joyas dos Egypcianos, pa seruire a Deos cõ ellas, assi vos deyxãdo o mũdo leuastes cõ vosco as joyas de sua eloquēcia, pa cõ ellas fazerdes a Deos seruiço. Dissestes tantas cousas, & també
ditas

Compa-
ração.

Compa-
ração.

ditas, declarastes tão altamête a materia, que vos metemos antre as mãos, abristes ta claramête as fontes da verdadeira philosophia, q̄ na acho palauras, cõ q̄ vos possa declarar meu cõceyto: nẽ creio, q̄ hahi tammanho rio de ingênho, nẽ tãta copia & força de eloquencia, q̄ baste p̄a dizer a vossa. Estou tã contête cõ vos ouuir, & fatissezme tanto vossa doutrina & sciência, que não sinto coufa cõ q̄o possa cõparar. Tomara por partido nã me apartar nũca de vos. Não me pesa senã porq̄nũca vos fiz seruiços cõformes a vossos merecimẽtos, & meus desejos. Mas se no q̄ desfalece nas obras, se recebe por preço a vontade, a minha he tão certa p̄a o q̄ vos cõprir, que a ninguẽ darey auantagẽ nos desejos da bõa amizade, ainda que a muytos nos effeytos delles. Pesame, disse o Philosopho, de se acabar tam asinha este dia porque folgara de estarmos aqui mays. Mas assoma a humida noyte, & as estrelas, q̄ come çã apparecer, nos amoestã q̄

DA VERDADEIRA PHILO.

nos vamos. E virãdose pa o cõpanheyro disse. será bõ irmos cõ o padre, q̃ cõ suas palauras & doutrina nos leuará tras si, afi como homẽ, q̃ leua apos si cachorros soltos, cõ lhe ir lãçãdo pedaços de pão, q̃ vão comêdo. Eu, disse o ermitão, tenho muyto q̃ andar, & q̃ rezar, & he necessario par tirme, & ir só: O q̃ cõ ajuda de Deos poderey fazer, porq̃ he saida a lũa, q̃ com sua claridade recebida do sol vẽ tirãdo parte da escuridão da noyte. Os louuores, que me dais, nẽ eu os conheço, nem os ha em mĩ: mas parece que estãdo louuãdo a mĩ estais debuxando a vos, O bẽ vẽ de Deos, & a elle se á de attribuir: elle fique cõ vosco, & vos de sempre a sua graça. E a vos, respõderã elles, cõ serue nella, & vá com vosco. Aqui se abraçarão todos tres, & se despedirão cõ soydade, & algũas lêbranças do tempo passado. Porque em fim antre os bons amigos ainda que se perca a conuersação, não se perde o amor.

Fim do dialogo da verdadeyra philosophia.

DIA

DIALOGO

DA RELIGIAM: IN-
terlocutores hũ Religioso, &
hum peregrino.

CAPITVLO. I.

¶ Do repouso solitario, &
quietação da cella.

NA LOMBARDIA
antre Parma & Plazen-
ça, se toparão nũ cami-
nho dous Portugueses,
hũ delles frade de S. Ie-
ronymo, outro leygo, ho-
mẽ fidalgo em traños de romeyro, q̃ lo-
go em sua maneyra parecia homẽ d'alto
sangue. E depoy de se faudarẽ, & passarẽ
antre si palauras de cortesia, disse o pere-
grino: Poys nos Deos aqui ajũtou, assen-
temonos ao longo desta fresca ribeyra,
debayxo destas sombrias aruores, & esta-
remos descãfando hũ pouco, apascẽtãdo

H v os

DA RELIGIAM.

os olhos com a vista dos verdes câpos, & os animos com o contentamêto de algũa bõa & honesta pratica. Assentemonos, disse o religioso, que ha grande espaço q̃ caminho cansado assi do corpo como do espirito. A causa da cãseyra do corpo, disse, o peregrino, está clara, a do espirito folgaria de saber, se nisso não ha impedimêto. Eu vola direy, respondeo o religioso, ao menos a principal parte della. Eu ha muyto tẽpo que ando distraydo em negocios da ordem, a que fuy mãdado per obediencia. Tiue muytos trabalhos em Roma, donde agora venho, onde estaua feyto hũ poço, em que os negocios entrãuão continuamente a tirar agoa de meu repouso, & abazcolejarme, & pturbar-me, & distrairme. E se algũa hora me queria furtar a mĩ mesmo, & roubar o coração & pensamento aos negocios, erã tãtos sobre mĩ, que me tomãuão com a prefa nas mãos, & atãuão mas pera que eu nam podesse fazer o que queria, maso q̃
elles

elles querião, que eu quisesse. Verdade he que per outra parte me trazião estes trabalhos algũ descanso, quando me lembraua que os sofria por seruir aos padres, q̃ me lá mandarão, & estimaua eu mays o gosto, com que os seruia, que o galardão, que delles por isso esperaua. Mas em fim os negocios me trazião tão distraydo, q̃ fizeram meos olhos erdeyros de muytas lagrymas. Foy tempo, em que viui muyto contente nũ repouso solitario, dado ao estudo das diuinas letras, estãdo em Portugal, metido o mays do tempo na cella: mas por meus peccados vim a tantos trabalhos, que parece que desferirão sobre mim todas as velas: em tanto q̃ mays descontente me faz a lembrança do contentamento que tiue, q̃ o descontentamento que tenho. Bem passaria com o trabalho, que ganhey, senão fosse a lembrança do descanso, que perdi: porque então causam insofriuel dor os males presentes quando sã acõpanhados da memoria dos
bees

DA RELIGIAM.

beés passados. E por isso me parecea mi
 que permitio Deos que os filhos de Israél
 indo desterrados de Ierusalem, captiuos
 dos Babylonios, leuassẽ comsigo os in-
 strumentos musicos pera lembrança de
 suas passadas alegrias. Conta o Propheta
 nũ Psalmo, que indo elles assi captiuos se
 assentarão ao longo dos rios de Babylo-
 nia, que sam o Tigres & o Euphrates, e-
 stillando suas dores em tanta lagrymas,
 que parece que querião fazer dellas ou-
 tros rios: & que alli dependurarão os in-
 strumẽtos nos amargosos salgueiros, sem
 quererem cantar, nem tanger, nem ino-
 strar sinal algũ de alegria. Em todo aq̃lle
 Psalmo senão conta que elles leuassẽ
 de sua terra senão aquelles instrumẽtos,
 que certo parece cousa marauilhosa, por
 que pera que os leuauão, senão auião de
 vsar delles? Mas parece que o permitio
 Deos assi, pera que vendo elles diante de
 seus olhos, as violas, arpas, laüdes, & os
 outros instrumentos de musica, com que
 em

em outro tempo em sua terra se deleyta-
uão, se lembrassem pera mór magoa sua
das musicas de Ierusalem, dos serões &
contentamentos, festas & alegrias, q̄ por
seus peccados perderã: porque a foydo sa
memoria do prazer dos beês passados lhe
acrescêtaffe a magoa da tristeza dos ma-
les presentes Assi amim pera mayor ma-
goa da inquietação que tenho, se me ap-
resenta ante os olhos a quietação, q̄ ti-
ue, cuja foydade me faz muytas vezes des-
fazer os olhos em lagrymas, coufa em q̄
ella faz experiencia de sua dor. E esta he
a causa da canseyra de meu espirito, per-
que me perguntays. Mas prazera a Deos
que cedo estes meus trabalhos terão fim,
& irey gozar da suavidade do mosteyro,
& da doce quietação da cella, tornando
em amizade com meus amigos antigos,
quero dizer com os liuros, que não sey,
como sou viuo sem elles. Porque assi co-
mo a pomba não achaua descanso fora
da arca de Noë, assi o religioso não sente
repou

DA RELIGIAM.

repouso fora do mosteyro. O ramo da
 oliueyra, com que a pomba hia contente
 leuando no bico, he a esperanza da cer-
 ta & propinqua tranquillidade, na qual
 posta hua alma fica clara, ainda que an-
 tes estiuesse escura. Que isto tem a quie-
 taçam a placar o espirito, & a aclarar o
 entendimento. Assi como agoa d'hũ tan-
 que, se a mouerdes, & reuoluerdes, fica
 turua & escura, mas acabado todo o mo-
 uimẽto, estando ella em paz, & sem se bo-
 lir, fica clara & limpa, assi alma distrahi-
 da & perturbada estã escura & çuja, mas
 quietãdofe & repoufando, vayse aclarã-
 do, até que de todo fica limpa. E assi como
 estãdo agoa turua & bazcolejada nã vos
 vedes nella, mas como estã quieta, vos re-
 presenta logo vossa imagẽ, assi o desaffo-
 fego & perturbação na alma faz com q̃
 vos não vejays nella, mas sua quietação &
 repouso faz cõ q̃ vos esteys nella conhe-
 cendo, & vendo quem sois. De maneyra
 que a tranquillidade do spirito he como
hũ

Compa-
 ração.

hum espelho, que vos está pondo ante os olhos vossa própria imagem. E creio eu q̄ nã hay lugar, onde se ella melhor alcance & conserue, que no recolhimento do mosteiro & da cella. Folgo, disse o peregrino, de vos ouir isso, porque eu tinha pera mĩ, que nos mosteyros auia grãdes trabalhos. Si ha, tornou o religioso, mas como elles sam sofridos por amor de Christo trazem comfigo suaves contentamentos. E quãto os trabalhos sam maiores, tanto mays fazem aluãtar o espirito a Deos. Assim como arca de Noë, de que agora falaua, não sòmente se não perdeo nas agoas do diluuió, antes quanto ellas mays cresciã, tãto ella hia mays sobindo, & chegando se pera o ceo, assi quanto mays & maiores sam os trabalhos & espirituales exercicios da religiã, tãto mays se vay o animo aluãtado & appropinquando a Deos. O pé d'ũa parreyra á vista pareceruos ha seco & aspero, & se o apalpardes com a mão, achalo eys inda muyto mays aspero: mas se

Compara-
ção.

DA RELIGIAM.

feolhardes bem, vereys na latáda muitas
 folhas verdes, brádas, & graciosas, & muy
 suaue & excellente fructo: assi a vida da
 religiã cá de fora parece aspera, & se a ex-
 perimentardes, achalaey s muyto mays
 aspera, mas as folhas da doce cõuersação
 monastica, & o marauilhofo fructo dali
 ção, oração, meditação, contemplação,
 obseruancia, & repoufo solitario, excede
 rãtos as balifas de todos os humanos cõ-
 tentamentos, que o entendimento dos
 homês do mundo fica muyto áquẽ de o
 poder alcançar. Mas assicomo o péda
 parreyra, senão dá fructo, não aprouey-
 ta pera nada, auendo muytas aruores, q̃
 caso que não dem fructo, aproueytão pa
 muyto, como sam bordos, pinheyros, ce-
 dros, & fouereyros, que seruẽ de madeyra
 pera naos, & edificios, & outras coufas,
 assi o religioso, que acerta de ser ocioso,
 & distraydo, & regido per sua propria võ-
 tade, não aproueyta pera nada, auendo
 muytos leygos, que ainda que estem com

as mãos pegadas é seus próprios appetites,
& tenham dado vassalagem & obediencia
ao mundo, aproueytão pera defender a
terra aos inimigos, & pera officios mechani-
cos, & pera outras cousas. O religioso que
acertar de ser deste toque, terá por aspe-
ros os trabalhos da religião: mas os boões
religiosos tem nos por suaues, porque o
amor de Christo nos trabalhos acha def-
canso, & no meio dos tormentos refrige-
rio. Este he hũ dos bẽs, que tem a virtude,
trazer cõsigo contentamento. Não que-
ria mór vingança d'hũ maõ, que poder
lhe mostrar quanto perde em perder a
Deos: onde cuyda que acha cõtentamẽ-
to, a hi o perde: porque o vicio traz com-
sigo dor, & não fica delle mais que o arre-
pendimento por despojo. Seneca diz que Seneca.
não ha mór pena pera os peccadores que
auer peccado. E pelo contrayro não ha
mór gosto pera o bom que se lo. E á ver-
dade elle diz muyta verdade, porque assi
como he grande tristeza pa hũ peccador

DA RELIGIAM.

Sapien. 5.

lembralhe que peccou, assi he grande alegria pera hũ justo ver que fez o que deuia. No liuro da Sapiencia dizem assi os maos. Cansados estamos da via da maldade & perdição, andamos per caminhos fragosos & difficultosos. Não habi que debater senam que os maos viuem com grandes descontentamentos, por que suas proprias consciencias os accusam, & atormentam. E pelo contrayro de si & dos boõs, dizia sam Paulo escreuendo aos Corinthios: Esta he a nossa gloria o testemunho de nossa consciencia. Esta gloria & gosto espiritual he hũ excelente mantimento dos boõs religiosos, & hũ pasto marauilhoso, em que sua alma se deleyta. Mas isto nam acabam de entender os filhos da vaydade, que empégados & engolfados no mundo buscam sómente os contentamentos do corpo, sem fazer caso dos do espirito. Nam he muyto, disse o peregrino, nam sentem muytos dos leygos esse s gostos espirituaes

rituaes, poys hahi algũs religiosos, que
 de os nam sentirem, se tornam outra vez
 ao mundo, onde calam as virtudes dos
 religiosos, & sómente falam em seus de-
 feytos, se lhe algũs viram fazer, cousa cõ
 que além de offenderem a Deos, deshon-
 ram a si, & escandalizam os que os ou-
 nem. Os olhos deffestaes, disse o religio-
 so, sam alambres, que nam colhem das Compa-
racam
 vidas alheas senão as palhas. E nam he
 muyto, porque natural he aos maos ter
 hum parecer pera julgar, cõ que emen-
 dam o alheo, & outro pera fazer, com
 que nam sentemo seu.

CAPIT. II.

¶ Em que o religioso estranha aos que se
 saem da ordem dizer mal della, &
 declara que cousa he reli-
 gião, & donde se deriua.

I ij NA

DA RELIGIAM.



A religião ha muitas & muy grandes uirtudes, que effes, que se saẽ della, não querẽ seguir, nem contar. Nem attentão senão pera algũas venialidades feytas a furto da razão, sem as quaes a vida humana senão passa. Estas contã acrescentandolhe muyto mais, & fazẽdo das palhas traues, pera escusarem sua apostasia: & elles quanto mays se desculpão, tãto mays se condenão. Mas não he nouo no mundo os maos praguejar dos boõs. A incontínẽte ama do casto Ioseph, notouho de incontínẽcia Os soberbos Hebreos condẽnauão ao humilde Moyfes de soberba. O desfregido Absalão reprimia ao bom Rey Dauid de mau regimẽto. O maluado Rabfaces viuendo d'enganos accusaua ao defenganado Rey Ezechias de enganador. Mas melhor he por ser bom fer murmurado dos maos, que por ser mau ser odioso aos boõs. Os sanctos Apostolos, & os gloriosos Martyres de

Genes 39.

Num. 16.

3. Reg 35.

4. Reg 18.

de Christo erão chamados feyrticeyros & peruerfos. E per este caminho passou sam Ieronymo, S. Ioão Chrysoftomo & os outros fanctos, q̄ forão dos maos falsamēte murmurados, & injustamēte pleguidos. Nē he de espātar poys a Ch̄r nōsso Deos chamarã enganador, Samaritano, feyrticeyro. O seruo nã he mayor q̄ o Señor: & pois murmurará do Senhor, quãto mays dos seruos. Diz Salamão nos Prouerbios que os que vão pelo caminho direyto, & leuão a Deos por guia, sam desprezados dos que caminão pela via da infamia. Pera que he mays senão q̄ blasfemarão os maos de nōsso Saluador & verdadeyro Deos. Achou de quem murmurar a malicia humana na bondade diuina pondo nomes de culpas ás virtudes, affeando os beēs com cores de males. A lingua d'hu praguento he pincel do demonio, & como diz o Psalmista. Sepulchro aberto he a sua garganta: com suas lingoas vsam de enganos, veneno de aspides bichas peço-

Prouer. 14

Compara-
ção.

Psalm. 58

DA RELIGIAM.

1. Corin 6.
 nhetas & mortíferas, está em seus beiços. Estes são os de que diz S. Paulo na primeira aos Corinthios: Os maldizentes não possuirão o reyno de Deos. A lingua d'humão tem poder para desenterrar mortos, & enterrar vivos. E para que toque nas historias humanas: os Ephesios injuriarão com feias palavras a Hermodoro, até o lançarão da cidade, excedendo os elle a todos na virtude & constancia. O mesmo fizeram os Athenienses a Aristide, & a Cymone, & a Themistocles, & os Syracusanos a Hermocrate, & a Dione, & os Romanos & a Camillo, & a Rutillo, & a Metello. E não tendo Catão Vticense nenhuma cubiça, nem Hercules nenhuma couardia, cõta Plutarcho q̃ notarão a Catão de cubicoso, & a Hercules de couardo. Finalmente quasi todos os varões de grandes & heroicas virtudes são enuejados & murmurados & perseguidos, & caso que algũs ponhão os olhos em suas obras para as imitar, são muytos mais sem comparação os q̃ põem nellas

nellas suas lingoas pa as reprêder, & suas
 forças pa as destruyr, sem verê q̄ cuidãdo
 q̄ danã aos outros, danão a si, diz S. Atha Athanasio
 nasio q̄ assicomo o q̄ toma cõ suas mãos
 hũa bibera pa a lâçar a outro, q̄ o morda,
 primeyro elle fica mordido della, assi o
 malicioso q̄ quer p̄seguir o justo, primey-
 ro p̄segue a si meismo, & querêdo morder
 a fama alhea mata sua alma ppria, ca não
 ha mordedura de bibera nẽ alpe tã vene-
 nefa & peçonhenta como a malicia d'hũ
 peruerso. Mas isto não acabão de enten-
 der os que murmurão da virtude, & attri-
 buem a vicio, & cõ falsidades fazem pa-
 recer o bê mal, & dos paos fazem pedras,
 como a fonte d'Alemanha, de que fala Al Alberto.
 bertomagno. Estes que dizem mal da re-
 ligião, & se sayrão della, nem sam pera el-
 la, nẽ ella pera elles. Sam como cestos ro- Compa-
 tos, que não colhem agoa clara & excellê rição.
 tedas vidas dos boõs, sen ão algũs limos,
 ou palhas d'algũs descuy los, em que os
 homẽs algũas vezes caem, ainda que se-

DA RELIGIAM.

jam justos. Quereys ver claramente quem sam esses grosadores, olhay o que dizem, atentaylhe pera a pratica, ca ella he a q̄ descobre os corações. Sancto Ambrosio diz que pela mór parte o espelho d'alma resplandece nas palauras. São Ieronymo diz que as palauras que saẽ per fora, sam final do q̄ está dentro. São Bernardo diz q̄ a nossa boca he porta & seruentia de nosso coração. Socrates diz q̄ qual he o varão, tal he sua pratica. Themistocles compara os homẽs que não fãõ a cartas pintadas & enrolodas, & praticar a desenrolar. Se quereys saber que debuxos sam os d'hũ pãno de Frãdes pintado, desenrolaylo: quereys saber de que está pintado o coração d'hũ homẽ, praticay com elle. Pera q̄ he mais? Chõo nosso Redemptor diz que da abũdancia do coração fala a boca, & que pelas nossas palauras seremos justificados, & condẽnados. Bem mostrãõ esses, que se saẽ da religião, & murmurãõ della, nas palauras q̄ dizem

Ambrosio.

Hierony.

Bernard.

Socrates

Themist.

Compara-
ção.

Matth 12.

dizem, as más entranhas que trazem. O Ezech. 2.
 Propheta Ezechiel diz, que vio hūs ani-
 maes, que hião onde os leuaua o espirito,
 & nem estauão ociosos, nem tornauão
 pera trás. Se effes, que se sairão da religiã,
 leuárão o espirito por guía, & se deram
 aos santos exercicios da ordem, elles fo-
 rã por diãte, & nã tornarã atras: mastãto q̃
 seguirão seu appetite, & se derão á ociosi-
 dade, perderão os gostos do espirito: don-
 de veo andarẽ descontentes no mostey-
 ro, & enfastiados da mãã do ceo desca-
 rem as cebolas do Egypto, até se tornarẽ
 ao mundo, contentandose de bayxos cõ-
 tentamẽtos, & perdendo o juyzo, seme-
 lhantes á mulher de Loth, que cami- Genes. 19.
 nhãdo pera o monte, por olhar pera tras
 se tornou em statua de sal. Que parece q̃
 o quis Deos assi, pera que com a memo-
 ria daquelle sal salgassẽ & adubassẽ
 as enfiõs consciencias. Mas elles esque-
 cidos disto faẽse da religiã, & vẽ morrer
 nas mãos do mundo, que ainda q̃ pareça
 I v que

DA RELIGIAM.

que tinhão deyxado quanto ao corpo, nã
 tinhão deyxado quanto á vontade. Os
 cervos feridos da erua, caso que vão fo-
 gindo do caçador, todavia como leuã nas
 entranhas o farpão emervado, vem lhe
 morrer nas mãos. Assi os que sã feridos
 do amor das coufas do mundo, por mays
 que pareça, que se apartão d'elle, se elles
 não lança de si a seta em eruada, andã,
 andã & p derradeiro vẽ acabar no mudo.
 Esta cõparação me lembra q̄ li em Chry-
 sostomo, que a meu ver he bem natural.

Compa-
 ração.

Chrysoft.

Bernardo.

O glorioso Bernardo compara a religião
 a hũ bõ estamago, q̄ os boõs mantim etos
 conseruaos, & retênos & os peçonhentos
 expelleos & arreueffa os. Bẽ assi a religião
 retém & conserua os boõs religiosos, mas
 os maos expelleos, & como a igoarias ve-
 nenosas os arreueffa: porq̄ de tal maney-
 ra os apprema, que se saẽ elles. Assi como
 o mar não retém em si os corpos mortos, al-
 si nem a religião aos maos religiosos, &
 andã no mudo como homẽs arreueffados

Compa-
 ração.

& como corpos mortos, que o mar de si lançou, perdidos por cousa tão perdida, como he o mundo. Não sey, disse o peregrino, qual he a causa porque muytos destes que se saẽ da ordem sendo nella criados, & ensinados em virtude, depois que per cá andão, sam piores que os leygos. Eu volo direy, respondeo o religioso, A agoa corrête, se per algũ tempo a represam, depoy quando acha lugar, sac com mays impetu & em mór quantidade, que quando yinha per seu curso: assi a maldade destes, que na religião nã corria como antes, estaua represada, sem seus effeytos per fora apparecerem, mas tanto que se saem da ordem, & achão liberdade de peccar, & effectuar seus antiquos & deprauados custumes, sac a maldade em tanta copia, & cõ tanta furia & desoluçã que excede a dos q̃ sempre forã no mũdo desolutos. Esta nossa espanha vlterior está no Occidẽte, onde, como vedes, se acaba a claridade do sol, & começa a escuridão da

Compara-
ção.

DA RELIGIAM.

da noite & pelo cōtrayto a India Orital, q̃ os inuictissimos & Christianissimos Reys de Portugal de gloriosa memoria descobrião & ganharão, está no Oriente, onde, como tabeys, nasce o sol, & mostra mayseu resplendor. De maneyra que se pode dizer que os Indios habitão no dia, & nos na noyte, & que em elles se começa a claridade, & em nos a escuridão, por que la nasce o sol & cá se põe. E sendo isto assi, elles sam negros, & nos brancos, elles escuros & nos claros. Desta mesma maneyra sendo a religião em comparaçam do mundo hū Oriente, & o mundo em comparação della hū Occidente, vereys algũs homes entinaados na sancta religião, que sam na consciencia muy escuros, & outros no mūdo, que sam nella muy claros. Mas nem por isso os boõs religiosos perdem sua valia. Porque assicomo estãdo hū cofre cheo de moedas de fino ouro, ainda que antr'ellas estuuisse hūa falsa, nẽ por isso as outras pdiã seus quilates

Compara-
ção.

assi

assi a religião he hũ riquissimo thesouro
de seruos de Deos, de tãto preço, q̃ o nã
tem, cheo de deuotos & excellentes reli-
giosos, ornados de tãto grandes virtudes &
lououres, q̃ por muytos q̃ se delles digã
ainda nelles ha mais, & sendo ella pouoa-
da de tãto claros varões nã he bem que
percão os boõs por hũ mau. E assicomo
quando tomays na mão hũa grande espiga
de trigo, ainda que de fora nã vedes
mays que as praganas, todauia julgays q̃
estã de dentro chea de fermosos grãos, af-
si considerada bem a religião, caso que de
fora vejays andar algũs pelo mundo se-
melhantes a praganas, aueys de ter fixo
em vosso conceyto que nesta fructifera
& gloriosa espiga da religião ha excellẽ-
te fructo, & que estã chea de dentro de tã
marauilhosos grãos, quero dizer, de tãto
virtuosos & religiosos varões, que o que
mays de seus lououres se disser, he o me-
nos q̃ nelles ha. Estã isso tãto claro, disse
o peregrino, q̃ querelo eu cõtrariar, seria
querer

DA RELIGIAM.

querer cegar o sol. Mas poys falamos em religião, folgaria de saber a sua definição & derivação. Porq̃ sendo eu moço em tempo que o uso da palmatoria me fazia

ter conhecimento das letras latinas ganhadas ao fumo da candeia nas longas noytes, me lembra que linoz Officios de

M. Tullio.

Marco Tullio, q̃ tratandose d'algũa couza, se auia de começar da definição, pera se entēder o de que se disputaua. E lem-

brame que dizia alli o meu mestre, q̃ os logicos tinhão isto por regra infalliucl, sem embargo que confessauão, que segū-

do natureza primeiro era diuidir que definir, pera se enitar a equiuocação, mas q̃ quando definem sem diuidir presupõe a

diuisam, ou hetal a couza, q̃ a não require. Religião, disse, o religioso, toma se de muytas maneyras, primeyramente pola

sciencia das couzas diuinas, como refere Plutarcho na vida de Paulo Emilio. Toma se tambẽ por tem or, como nota Ser-

Plutarcho

Sernio.

uio sobre Vergilio. E toma se pola religiã

Christã

Christãã em cõmũ. E tẽ outras accepções, de que aqui não tratamos. Sõmente falamos da religiãõ, assicomo se cõmunmete toma, quando por hũ homẽ, que deyxou o mũdo, & se meteo na ordem de S. Ieronymo, ou de S. Domingos, ou de S. Francisco, ou em qualquer outra approuada, dizemos q̃ se meteo em religiãõ. Essa he, disse o peregrino, a de que vos pergunto. Religiãõ ppriamete, disse o religioso, he hũa virtude moral, mas o estado da religiãõ, por q̃ p̃gũtays, he hũ modo de viuer separado que com votos, regra, cõstituyções, piã & ordenadas cerimonia, & bõs costumes nos ata & liga com Deos, como com principio sempiterno, pera o amarmos sobretudo, & ao proximo como a nos mesmes. Daqui se segue que as coufas da religiãõ sam liames, cõ que ella nos lia com Deos & connosco. E por isso se chama ella religiãõ, à religãdo, como diz Lactancio Firmiano, que quer dizer atar & apertar. Esta deriuaçam segue sancto

Augu

L. s. a. c. i. e.